

UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
JORNALISMO

ANALICE VICTORIA CANDIOTO GARCIA

**RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO PODCAST:
COMUNICAÇÃO CLIMÁTICA**

RIBEIRÃO PRETO
2025

ANALICE VICTORIA CANDIOTO GARCIA

**RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO PODCAST:
COMUNICAÇÃO CLIMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à
Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), como requisito
para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.
Orientadora: Prof^ª. Me. Flávia Cortese Martelli

RIBEIRÃO PRETO
2025

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento

Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

GARCIA, Analice Victoria Candioto, 2004-

G216r RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO PODCAST:
COMUNICAÇÃO CLIMÁTICA / Analice Victoria Candioto Garcia. --
Ribeirão Preto, 2025.
97 f. : il. color.
Orientador: Prof.^a Ms.^a Flávia Cortese Martelli.

Trabalho e conclusão de curso (Bacharelado em Jornalismo)
Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Ribeirão Preto, 2025.

1. Mudanças Climáticas. 2. Meio Ambiente. 3. Jornalistas. 4. Países.
I. Título.

CDD 070.4

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho representa o primeiro passo na minha trajetória como jornalista, que mesmo com todos os desafios durante o curso, não desisti. Não irei esquecer do meu entusiasmo em fazer o curso antes mesmo de começar, na primeira semana de aula já iniciei o meu primeiro estágio na área e continuei correndo atrás dos meus sonhos e objetivos até o fim.

Em primeiro lugar, expresso minha profunda gratidão à minha mãe, Eliana Candioto Garcia, que me apoiou, incentivou com todo amor e carinho, e que também, me deu a oportunidade de fazer a minha formação. Agradeço ao meu pai, João Garcia Júnior, que sempre me apoiou, incentivou a concluir meu curso superior e que demonstrou muita preocupação com meu futuro. Agradeço a minha irmã, Elisabeth Candioto Garcia, que me apoiou e me inspirou a sempre evoluir e dar o meu melhor. Minha profunda gratidão a Deus, que sempre esteve comigo durante toda a minha caminhada, nos melhores e piores momentos, nunca desistiu de mim, me deu forças, esperanças para viver e confiar em todo o processo.

À minha orientadora, professora Me. Flávia Cortese Martelli, registro meu profundo agradecimento por todo apoio, conselhos, orientações e dedicação durante todo o processo de desenvolvimento deste trabalho. Ao professor Me. Paulo Apolinário, orientador da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, agradeço por toda paciência, suporte e estímulo desde o início do projeto. Minha profunda gratidão a todos os professores do curso de Jornalismo da Unaerp que fizeram parte da minha trajetória e que me ajudaram a me desenvolver como profissional.

Expresso também a minha gratidão a Rádio Unaerp, ao Andrei Violante, aos estagiários da Rádio e ao meu coordenador e professor Gil Santiago, que deram todo o apoio e suporte na edição e suporte técnico do podcast. Agradeço também a secretária do curso de Jornalismo, Ana Maria Tosta, por todo suporte desde quando ingressei no curso.

Por fim, não poderia deixar de agradecer as minhas amigas que o curso de Jornalismo me proporcionou, mas principalmente, a Ana Clara Pereira Casotti e o Lucas Toniolo Pignata, que espero levar para toda a vida.

A todos vocês, o meu mais sincero agradecimento.

RESUMO

Ondas de calor, inundações, incêndios e furacões são frequentes e manifestados diretamente pelo aquecimento global e outras alterações climáticas causadas, em grande parte, pela ação humana. Esses fenômenos climáticos extremos, além de devastarem cidades e afetarem vidas, têm grande repercussão na mídia. Pessoa (2008) e Dal Pian (2011) apontam que o tratamento dado pela imprensa a esses eventos tende a ser superficial e, muitas vezes, sensacionalista, focando-se nos aspectos trágicos e no número de vítimas, sem aprofundar questões estruturais ou educativas. O objetivo da pesquisa foi analisar as percepções de jornalistas e especialistas em relação às notícias que são veiculadas em diferentes países como Brasil, Irlanda, Dinamarca, França e Portugal. Para isso, foi desenvolvido um produto midiático no formato podcast com entrevistas de especialistas e jornalistas brasileiros, atuantes ou não na profissão, que estão morando em diferentes países. O objetivo foi retratar os impactos e suas percepções das mudanças climáticas em cada um desses lugares, e também, trazer relatos de alguns desses profissionais que passaram por situações, como a cobertura jornalística de eventos climáticos extremos. Constatou-se que há uma lacuna entre as notícias que chegam ao Brasil e as notícias que chegam em outros países do mundo, e que muitas vezes, a mídia não traz uma cobertura contínua e aprofundada sobre questões climáticas. Além disso, foi possível ressaltar a situação crítica das mudanças climáticas em diversos lugares do mundo, afirmando que essa questão exige, cada vez mais, atenção, conscientização e senso de urgência de todos. Desta forma, entende-se que esse trabalho além da abordagem do cenário ambiental em diferentes partes do mundo, também traz uma reflexão sobre o papel da imprensa na divulgação da temática ambiental.

Palavras-chaves: meio ambiente, mudanças climáticas, jornalistas, países

ABSTRACT

Heat waves, floods, fires, and hurricanes are frequent and directly reflected in global warming and other climate changes caused largely by human activity. These extreme weather phenomena, in addition to devastating cities and affecting lives, have significant media coverage. Pessoa (2008) and Dal Pian (2011) point out that the press's coverage of these events tends to be superficial and often sensationalist, focusing on the tragic aspects and the number of victims, without delving into structural or educational issues. The objective of the research was to analyze the perceptions of journalists and experts regarding news broadcasts in different countries, such as Brazil, Ireland, Denmark, France, and Portugal. To this end, a media product was developed in podcast format featuring interviews with Brazilian experts and journalists, both working and not, who are living in different countries. The goal was to portray the impacts and perceptions of climate change in each of these locations, as well as to provide accounts from some of these professionals who have experienced situations such as reporting on extreme weather events. It was found that there is a gap between the news reaching Brazil and that reaching other countries around the world, and that the media often lacks continuous and in-depth coverage of climate issues. Furthermore, it was possible to highlight the critical situation of climate change in various parts of the world, affirming that this issue increasingly demands attention, awareness, and a sense of urgency from everyone. Thus, it is understood that this work, in addition to addressing the environmental scenario in different parts of the world, also reflects on the role of the press in disseminating environmental issues.

Keywords: environment, climate change, journalists, countries

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 JORNALISMO E MEIO AMBIENTE	12
2 DETALHAMENTO TÉCNICO	14
2.1 Entrevistados	15
2.2 Público-alvo	16
2.3 Identidade visual	16
2.4 Características da linguagem.....	17
2.5 Sinopse final.....	17
3 RELATO DE PRODUÇÃO.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20
APÊNDICES.....	24
ANEXOS	92

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o impacto das mudanças climáticas tem se tornado cada vez mais evidente e preocupante. Alguns fenômenos como ondas de calor extremas, inundações devastadoras, secas prolongadas, incêndios e furacões são frequentes e manifestados diretamente pelo aquecimento global e outras alterações climáticas causadas, em grande parte, pela ação humana.

A Organização Meteorológica Mundial (OMM) e o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (Intergovernmental Panel on Climate Change - IPCC) são órgãos internacionais dedicados ao estudo e monitoramento do clima, e alertam para a crescente frequência e intensidade desses eventos. A OMM, por exemplo, prevê um aumento de 7% nas chuvas extremas para cada 1°C de elevação na temperatura global, enquanto temperaturas superiores a 40°C e 50°C, que antes eram raras, se tornam comuns em várias regiões do mundo. Eventos climáticos extremos estão, de fato, reconfigurando a vida em nosso planeta. Segundo o Centro Nacional de Meteorologia Paquistânês, três cidades do Paquistão registraram temperaturas superiores a 50°C neste ano, afetando profundamente a saúde e o bem-estar da população. No México, uma onda de calor deixou mais de 20 mortos, enquanto, nos Estados Unidos, furacões como Beryl, Helene e Milton causaram destruição em larga escala, com centenas de mortos e milhares de desabrigados em 2024. No Brasil, o impacto também é sentido, no estado do Rio Grande do Sul, as chuvas incessantes provocaram enchentes que atingiram mais de 471 cidades, matando mais de 170 pessoas no início de 2024. No interior de São Paulo, uma série de incêndios florestais devastou 34 mil hectares, deixando cidades cobertas de fumaça e comprometendo a saúde humana e o meio ambiente em 2024.

Esses fenômenos climáticos extremos, além de devastarem cidades e afetarem vidas, têm grande repercussão na mídia. Porém, como apontado por Pessoa (2008) e Dal Pian (2011), o tratamento dado pela imprensa a esses eventos tende a ser superficial e muitas vezes sensacionalista, focando-se nos aspectos trágicos e no número de vítimas, sem aprofundar questões estruturais ou educativas.

As catástrofes ambientais costumam expor não apenas a degradação do meio ambiente, mas, também, a limitação dos meios de comunicação de massa em abordar o tema, pois, nesses casos, predomina uma cobertura jornalística denunciativa, sensacionalista, com pouco aprofundamento dos dados científicos e raras abordagens educativas (Dal Pian, 2011, p.930).

Essa abordagem limitada da mídia revela, de um lado, uma lacuna no papel educativo que o jornalismo poderia exercer ao discutir as mudanças climáticas e suas causas e, de outro, reflete as dificuldades enfrentadas pelos jornalistas em realizar uma cobertura detalhada e cuidadosa, dada a urgência e o caos que esses desastres costumam gerar. Por isso, a importância de realizar uma cobertura que explique, exponha e relacione as questões climáticas com o cotidiano da sociedade.

Além dos desafios profissionais inerentes à cobertura jornalística em situações de crise, há também o impacto que esses eventos têm sobre a saúde dos jornalistas. Profissionais que cobrem desastres naturais, muitas vezes sob condições extremas de trabalho e com pouca rede de apoio, acabam sendo expostos a altos níveis de estresse e sofrimento emocional. Nesse contexto, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), lançou, em 2024, o Guia Básico para Jornalistas em Cobertura de Eventos Extremos – Preservando a Saúde Física e Mental em Situações de Intenso Estresse. Esse manual visa auxiliar os jornalistas a lidar melhor com o estresse dessas coberturas, oferecendo orientações sobre a importância de hábitos saudáveis, descanso adequado, técnicas de meditação e outros recursos que possam contribuir para o seu bem-estar. Contudo, a relação entre os impactos das mudanças climáticas e o jornalismo ainda é um tema pouco explorado, especialmente em relação às percepções que esses profissionais têm com a divulgação do tema que afeta não apenas o Brasil, mas diversos lugares no mundo. Portanto, estudar e divulgar essas percepções e impactos acerca das mudanças e eventos climáticos extremos que acontecem ao redor do mundo é de extrema relevância, considerando que a crescente frequência e intensidade dos desastres naturais afetam milhões de pessoas em todo o mundo, com consequências devastadoras para a infraestrutura, economia, educação e a saúde pública, por exemplo. No Brasil, regiões inteiras estão sendo transformadas pela força das chuvas, incêndios, secas e ondas de calor, afetando não apenas as grandes capitais, mas também áreas mais remotas e menos preparadas para lidar com esses fenômenos. Nesse cenário, o papel da imprensa é fundamental, pois os meios de comunicação são a principal fonte de informação para a maioria da população e, portanto, têm a responsabilidade de não apenas relatar os eventos, mas também de contextualizar, explicar suas causas e consequências, trazer conscientização e possíveis soluções.

Entretanto, como mostram os estudos de Pessoa (2008) e Dal Pian (2011), a cobertura jornalística dos desastres climáticos muitas vezes se limita ao aspecto trágico e sensacionalista, com pouca atenção à educação ambiental e ao debate sobre políticas públicas de mitigação e

adaptação às mudanças climáticas. O estudo sobre a produção de notícias sobre eventos climáticos extremos em diferentes áreas do mundo, abre espaço para reflexões sobre os desafios enfrentados pelos jornalistas que trabalham nesse contexto, e também, como a temática é repassada pela mídia à sociedade.

Enquanto a maioria das pesquisas se concentra nas grandes redações, os jornalistas que atuam em áreas menores muitas vezes precisam lidar com uma infraestrutura limitada, redes de apoio restritas e menos recursos para se protegerem durante as coberturas de desastres naturais. Entender essas dificuldades também são essenciais para o desenvolvimento de um jornalismo mais consciente, que esteja preparado para enfrentar a intensificação das mudanças climáticas e veiculá-las da melhor forma.

Diante disso, este trabalho tem o objetivo de trazer, com o produto midiático podcast, entrevistas com especialistas e jornalistas brasileiros, atuantes ou não na profissão, que estão morando em diferentes países para retratar os impactos e suas percepções das mudanças climáticas em cada um desses lugares, e também, trazer relatos de alguns desses profissionais que passaram por situações, como a cobertura jornalística de eventos climáticos extremos, e informações sobre como a mídia tem retratado a questão das mudanças climáticas nesses diferentes locais do mundo.

A melhor forma para divulgar esse olhar jornalístico é pela produção de um podcast, que seja acessível e gratuito para todos interessados em saber mais sobre o tema. Segundo Javorski (2017, p.240), o podcast é um material digital publicado e distribuído na internet que pode ser baixado para o computador ou dispositivo móvel de um usuário com conexão à rede. Ele pode ser ouvido no formato on-line, por meio do computador ou celular.

Assim como a rádio web, o podcast tem um baixo custo, pois pode ser produzido sem equipamentos profissionais e pode ser transmitido por computadores pessoais, além de não estar subordinado às normas de concessão de radiodifusão. Ademais, também restabelece os limites entre emissor e receptor, uma vez que este deixa de ser participativo, exceto por meio de mensagens e telefonemas à emissora (Javorski, 2017, p. 244).

Para criar o conteúdo e ter visibilidade é necessário também segmentá-lo por assunto, localidade de abrangência, público-alvo, causas e outros quesitos necessários. Por isso, a divulgação nas redes tem grande importância, pois a divulgação pelas redes, em comunidades virtuais, possibilita o compartilhamento e a audiência. Martínez-Costa e Prata (2016) apud Javorski (2017, p. 245) identificam os podcasts “como uma das tendências em desenvolvimento de novos conteúdos do rádio digital”.

Com isso a audiência adquiria liberdade e flexibilidade de acesso aos conteúdos. Emissoras que já têm programação ao vivo encontraram nessa funcionalidade uma forma de disponibilizar ao seu público uma programação segmentada, dividindo parte dela em formatos menores (Javorski, 2017, p.241).

Assim, será possível difundir o conteúdo para o público-ouvinte não somente do Brasil e da região de Ribeirão Preto, mas também, para ouvintes brasileiros que estão em outras cidades do mundo todo, trazendo conhecimento e informação sobre um tema de extrema relevância, e que ainda é pouco explorado.

O objetivo geral deste trabalho foi compreender por meio de entrevistas com jornalistas, atuantes ou não na área, que vivem no Brasil e em outros países, como são suas percepções em relação às notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas que são veiculadas e reportadas em diferentes países como o Brasil, Irlanda, Dinamarca, França e Portugal. Além disso, o podcast também traz entrevistas com especialistas que aprofundam as discussões sobre as questões climáticas e ambientais.

Os objetivos específicos foram: 1) a realização de um levantamento bibliográfico sobre a situação ambiental e das mudanças climáticas em diferentes países do mundo; 2) o desenvolvimento de um podcast para divulgar os efeitos das mudanças climáticas em diferentes partes do Brasil e do mundo; 3) o debate sobre as principais notícias que a mídia global fez sobre eventos climáticos extremos; 4) a discussão junto com jornalistas sobre a divulgação de notícias voltadas para o meio ambiente; 5) a compreensão da importância da mídia trazer cada vez mais notícias e reportagens sobre o tema; 6) e trazer a conscientização do público-ouvinte sobre questões ambientais que estão mais evidentes pelo mundo.

Este projeto acadêmico mostrou a necessidade de se falar mais sobre as mudanças climáticas e de todos os efeitos que têm sido causados no mundo pela emissão de gases estufa, desmatamento e queima de combustíveis, que está atingindo não somente os estados do Brasil, mas todos os países do mundo. Por meio do podcast, foi possível atingir um amplo público-alvo de ouvintes, divulgar e trazer conscientização sobre questões ambientais, que devem ser cuidadas com atenção desde já.

Para amparar a produção do produto midiático podcast, a metodologia adotada para o trabalho foi a pesquisa qualitativa de caráter exploratório, voltada para investigar os impactos e percepções das mudanças e eventos climáticas para jornalistas, atuantes ou não na área, que vivem em diferentes partes do mundo, e também compreender por meio de entrevistas com jornalistas como as notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas relacionadas ao Brasil e outros países são reportadas fora do local de origem.

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório. (Gil, 2002, p. 133)

Neste caso, o estudo busca captar não apenas os dados objetivos sobre o trabalho dos jornalistas, mas também suas vivências, emoções e visões durante os eventos climáticos e a veiculação dessas reportagens, o que justifica a escolha desse tipo de pesquisa. São cinco as características básicas da pesquisa qualitativa, chamada, às vezes, também de naturalística:

a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, (Ludke, MENGA, e MARLI, André, 1986, p.44).

A pesquisa qualitativa busca explorar as experiências humanas em seu contexto real. É um método que se aprofunda nas motivações, nas percepções e nos significados atribuídos pelos participantes de um estudo. No caso de desastres climáticos, é essencial compreender os efeitos dessa situação para profissionais que passam informações para a população e que trazem uma perspectiva mais humana e menos quantificável, mostrando isso por meio de entrevistas com os profissionais.

Além disso, Gil (2002) define a pesquisa exploratória como aquela que visa proporcionar maior familiaridade com o problema, buscando torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Esse tipo de pesquisa é amplamente utilizado quando há poucos estudos prévios sobre o tema ou quando é necessário aprofundar o conhecimento acerca de uma questão. Como o foco deste trabalho é trazer à luz os relatos e as percepções dos jornalistas sobre um tema específico e ainda não amplamente discutido, a pesquisa exploratória oferece o caminho mais adequado. A escolha da pesquisa qualitativa e do método exploratório se dá porque essa abordagem possibilita captar nuances importantes e detalhar as experiências subjetivas dos jornalistas.

Diante disso, a coleta de dados ocorreu em duas etapas principais, primeiro, foi realizado o levantamento bibliográfico de notícias, reportagens, obras, artigos e estudos acadêmicos que abordam a questão das mudanças climáticas, meio ambiente, coberturas jornalísticas nessas situações, e também para trazer mais informações sobre a pesquisa qualitativa e o produto midiático podcast. O levantamento teórico serviu como base para a formulação das perguntas e hipóteses da pesquisa. Depois, foram realizadas as entrevistas com jornalistas, atuantes ou não na área, e especialistas, que trouxeram suas experiências de trabalho, percepções e mais detalhes sobre como está a questão climática e ambiental no local onde vivem. Para a produção do

produto, também foram realizados levantamentos bibliográficos por meio de artigos, livros e sites para que tragam um maior conhecimento sobre o tema, podcast e roteiro de entrevista. Além disso, foi feita uma pesquisa e o contato com fontes para as entrevistas, buscando procurar os profissionais mais capacitados para trazer exemplos que mostrem os impactos das mudanças climáticas em diferentes partes do mundo. O podcast contará com um roteiro para cada entrevista, com detalhes de notícias e informações sobre o meio ambiente e mudanças climáticas específico para o local onde o entrevistado mora. O produto midiático será produzido, gravado, editado e divulgado na plataforma Spotify para que todos os interessados no tema tenham acesso ao conteúdo. As entrevistas serão gravadas para a montagem de um podcast com 6 episódios na primeira parte, de 20 a 30 minutos cada episódio, onde será falado sobre os olhares e percepções de jornalistas, atuantes ou não na área, e especialistas, que moram em diferentes partes do mundo, sobre as questões climáticas nos lugares onde vivem.

A técnica utilizada será a entrevista semiestruturada, que coleta dados e combina perguntas abertas e fechadas. De acordo com Batista; Matos; Nascimento, 2017, p.23-38 apud Minayo, 2010, nesse tipo de entrevista o entrevistado tem a liberdade para se posicionar favorável ou não sobre o tema, sem se prender à pergunta formulada.

O uso de entrevistas semiestruturadas garante a flexibilidade necessária para ajustar as perguntas conforme novas informações surgirem durante as entrevistas, (Batista; Matos; Nascimento, 2017, p.23-38 apud Minayo, 2010). Isso possibilita uma exploração mais rica do fenômeno, pois os entrevistados poderão trazer contribuições espontâneas e valiosas que nem sempre estão previstas inicialmente no roteiro de entrevistas.

Ao final do estudo, espera-se que a pesquisa contribua para a conscientização dos efeitos e impactos das mudanças climáticas para a sociedade, e também para a importância da divulgação do tema, realizada por jornalistas de diferentes lugares do mundo.

1 JORNALISMO E MEIO AMBIENTE

O Jornalismo Ambiental é definido como a área do jornalismo responsável por trazer notícias da atualidade em relação à natureza e ao meio ambiente, e principalmente, mostrar os impactos da atividade humana no ambiente que está ao seu redor, despertando consciência ecológica para a população. Essa especialização jornalística se consolidou no Brasil no último quarto do século XX e nasceu atrelada ao jornalismo científico.

Um nome que marcou o Jornalismo Ambiental Brasileiro foi José Hamilton Ribeiro, principalmente com a reportagem “Só faltou a onça”, que registrou uma caçada em Nova Mutum, no Mato Grosso, e que foi publicada na revista Realidade em novembro de 1967.

Belmonte (2017, p.111) aponta que:

O jornalismo ambiental como especialização temática da atividade jornalística começou a se configurar na Europa a partir da década de 1960. Já em 1961, a televisão pública sueca cobria questões ambientais, que nessa época passavam a fazer parte da agenda de temas relevantes na Suíça (Pierre, 1996 apud Belmonte, 2017, p.111).

De acordo com Belmonte (2017, p. 111), na França, o Jornalismo Ambiental surgiu em 1969 com a Associação dos Jornalistas-Escritores para a Natureza e Ecologia, pelo jornalista francês Pierre Pellerin. Nos Estados Unidos, a Sociedade de Jornalistas Ambientais foi fundada em 1990, como primeira entidade a falar sobre o Jornalismo Ambiental no País.

É importante lembrar que o jornalismo possui uma série de princípios ou valores que passaram a nortear o exercício da profissão a fim de garantir a qualidade da informação que será transmitida (Costa, 2013, p.2 apud Traquina, 2005).

Segundo Costa, 2013, p.3 apud Pena 2005, o primeiro compromisso do jornalismo deve ser com a verdade, por meio da checagem de fatos e contato com fontes confiáveis, isso gera lealdade e interesse ao público. Para Costa, 2013, p.3 apud Kovach and Rosenstiel, 2003, essa disciplina da verificação separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte. “Os repórteres devem ser obstinados em sua missão, além de disciplinados na luta para ir além de sua própria perspectiva dos fatos” (p.142).

Costa, 2013, p.3 apud Chaparro, 2001, considera que a organização e a capacitação discursiva das fontes foi a mais importante modificação ocorrida nos processos jornalísticos nos últimos quarenta anos. Porém, é importante não se deixar levar pelo encanto da habilidade técnica, porque ela pode acabar gerando uma acomodação, fazendo com que os jornalistas deixem de lado o esforço necessário da investigação, que é justamente o que representa o verdadeiro papel cultural e político que o jornalismo exerce, segundo Costa, 2013, p.3 apud Chaparro, 2001.

O princípio de guardião do interesse público do jornalismo se aplica tanto às ações do governo quanto às demais instituições poderosas da sociedade (Costa, 2013 apud Kovach & Rosenstiel, 2003). Cabe aos jornalistas romper com a concepção de bipolarização dos conflitos do poder, pois há sempre um terceiro pólo que precisa ser levado em consideração e ganhar identidade: o povo.

O jornalista tem um dever com sua consciência, o princípio preconiza que todos os jornalistas – da redação à sala da diretoria – devem ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade – uma bússola moral (Costa, 2013, p.4 apud Kovach and Rosenstiel, 2003). O profissional da notícia deve perceber que tem uma responsabilidade de dar voz, bem alta, a sua consciência e permitir que outros ao seu redor façam a mesma coisa.

Por fim, o jornalismo ambiental atua conforme os princípios tradicionais do jornalismo, entretanto, muitas vezes, é necessário lidar com algumas particularidades e complexidades ligadas ao tema ambiental, que podem envolver interações entre ciência, política, economia e sociedade.

2 DETALHAMENTO TÉCNICO

O produto midiático escolhido foi o podcast, por sua acessibilidade e crescimento como plataforma de mídia. A abertura do programa é marcado pela vinheta de apresentação com a seguinte frase: “eu sou Analice Candioto e esse é o podcast Comunicação Climática que traz histórias do meio ambiente pelo mundo”, trazendo um resumo sobre o intuito do produto. De acordo com Moroz e Barreiros (2020):

Se considerarmos os meios de comunicação de massa existentes, o rádio – que tem sido reatualizado por meio dos podcasts e das rádios on-line - é, sem dúvidas o que dá mais importância à oralidade (MOROZ; BARREIROS, 2020, p.113).

É importante que o ritmo das mensagens sonoras reproduza "a naturalidade e a variação presentes na expressão oral cotidiana, explorando criativamente a sonoridade de um texto elaborado para este meio" (Silva, 1999 apud Moroz and Barreiros, 2020, p.115).

Falar implica, por óbvio, certo nível de interpretação do que está sendo comunicado. A mensagem a respeito de uma conquista no campo do esporte, por exemplo, exige da voz daquele que transmite determinado grau de emoção ao passar a ideia da vitória; já ao anúncio do falecimento de uma pessoa corresponderá uma fala com um adequado nível de sobriedade ou mesmo de pesar (Ferraretto, 2014, apud Moroz and Barreiros, 2020, p. 117).

Por isso, para mostrar como as notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas relacionadas ao Brasil são reportadas em diferentes países e estados do país, será desenvolvido para este trabalho acadêmico um podcast com pelo menos 6 episódios, em sua primeira parte, com duração média de 20 a 30 minutos. As entrevistas serão feitas com jornalistas de diferentes lugares do mundo, como Portugal, França, Dinamarca, Brasil, Irlanda e Holanda, em que, cada um deles traga relatos acerca de suas percepções sobre as mudanças climáticas e as notícias sobre meio ambiente que são divulgadas nos lugares onde vivem.

As entrevistas serão realizadas via Google Meet, por conta da distância dos entrevistados, e para aqueles que moram em Ribeirão Preto, as entrevistas serão feitas pessoalmente. Ambas as modalidades serão gravadas na Rádio Unaerp, editadas pelo aplicativo Audacity e disponibilizadas na plataforma Spotify, pois assim, será de mais fácil acesso e os ouvintes podem acessar o conteúdo onde e quando quiserem.

Além disso, o podcast será acompanhado de postagens no Instagram por meio de stories, vídeos e posts que irão mostrar toda a programação do podcast, quando as entrevistas serão divulgadas, quem serão os entrevistados e os bastidores de produção do produto midiático, e também, ser amplamente divulgado para o público-alvo ouvinte por essa rede social. Para a produção do

roteiro de entrevistas, serão feitas pesquisas em sites que mostrem notícias internacionais com foco em meio ambiente e mudanças climáticas, para que sejam discutidas durante os episódios.

2.1 Entrevistados

- Joel Silva: Formado em fotografia pela escola de artes Bauhaus, iniciou-se como fotojornalista no Jornal Folha de S. Paulo em 1994, onde atualmente trabalha. Foi correspondente fotográfico da Folha de S. Paulo, no Oriente Médio, esteve na Guerra da Síria e na revolta da Primavera Árabe na Líbia. Cobriu o massacre no Cairo, capital do Egito, onde vitimou mais de 800 pessoas em um único dia. Seus trabalhos foram publicados nos principais jornais do mundo, como The New York Times, Washington Post, Le Monde, El País, The Independent e nas revistas americanas Time e Life. Foi premiado pela ONU, com Every Human Has Rights, em comemoração aos 60 anos dos direitos humanos,. Ganhou também o prêmio Wladimir Herzog de direitos humanos, Anamatra, Amb e Dom Helder. Escreveu dois livros, o primeiro, " Maluco da BR", sobre uma viagem que fez pelas estradas brasileiras como andarilho, o segundo, " Uma fresta de luz no porão da sociedade", sobre sua experiência em zona de conflito
- Milena Maganin: Formou-se em Comunicação Social pela Universidade de Ribeirão Preto em 2009. Iniciou sua carreira como Jornalista, e ao longo de 16 anos de trajetória, atuou também como consultora de marketing digital, produtora audiovisual e professora. Produziu diversos projetos culturais e audiovisuais, incluindo o longametrage "Maurina, o outono que não acabou", premiado na Espanha. Há 5 anos, especializou-se na área de tecnologia com foco em desenvolvimento web e e-commerce. Em 2022, imigrou e atualmente vive em Lisboa, Portugal, onde atua como coordenadora técnica na Nestlé Business Services, gerindo plataformas D2C para múltiplos mercados europeus.
- Angela Pepe: Mora há 16 anos em Paris, na França. Fundadora da Be Angela Pepe, onde atua como Consultora e organizadora de viagens em Paris, arredores e Europa. Jornalista, empresária e trabalha em Paris com comunicação, educação e turismo.
- Bruna Marchi: Jornalista formada pela Unaerp. Já atuou em empresas como Mundo Zumm, RFP Comunicação, Milagre do Verbo, LCS Tecnologia e Ourofino Saúde Animal. Ela também estudou artes cênicas por quatro anos e construiu sua identidade

como comunicadora artística e audiovisual. Atualmente, está na Irlanda, cursando Línguas na Griffith College Cork, é fluente em inglês e espanhol, e também está aprendendo francês. ● Brenda Marchiori: Mestranda em Jornalismo, Mídia e Globalização pela Universidade de Aarhus, na Dinamarca, com especialização em Política e Comunicação pela Universidade de Amsterdam, na Holanda. Possui graduação em Jornalismo pela Universidade de Ribeirão Preto e em Relações Internacionais pela UNESP. Atuou como estagiária na Rádio USP Ribeirão Preto.

- Haline Nobre Cezar - Possui graduação em Engenharia Ambiental pela Faculdade COC (2005). Tem experiência na área de Engenharia Sanitária, com ênfase em Engenharia Ambiental. Atuou por 11 anos no GAEMA (Grupo de Atuação Especial de Defesa do Meio Ambiente) no Ministério Público de Ribeirão Preto e atualmente tem a própria empresa sobre paisagismo e soluções ambientais.

2.2 Público-alvo

O podcast é direcionado a:

- Comunicadores sociais;
- Jornalistas;
- Estudantes da área da comunicação;
- Ambientalistas;
- Profissionais que atuem na área do meio ambiente, como professores e pesquisadores;
- População em geral;
- Pessoas que tenham interesse no tema.

2.3 Identidade Visual

A identidade visual do podcast utiliza cores como azul e verde que remetem ao meio ambiente, e tem como símbolo o planeta terra em formato de balão de conversa, trazendo a junção da comunicação e das mudanças climáticas pelo mundo.



2.4 Características da linguagem

A linguagem do podcast é acessível, informativa e traz um bate-papo informal, mas que ao mesmo tempo apresenta um senso de urgência sobre o tema, trazendo a conscientização sobre as questões ambientais e climáticas em diferentes partes do mundo. Além disso, o programa buscou dar ênfase nas histórias, informações e relatos dos entrevistados, trazendo uma visão abrangente do seu dia a dia e do que eles passam devido às questões climáticas.

2.5 Sinopse final

O podcast Comunicação Climática traz percepções, opiniões e experiências de jornalistas, atuantes na área ou não, e de especialistas da área, todos brasileiros, que moram em diferentes partes do mundo sobre a cobertura das questões ambientais e mudanças climáticas realizadas pela mídia nacional e internacional. O programa explora como esses profissionais vêm a forma com que a imprensa lida com a responsabilidade de reportar temas cruciais e, muitas vezes, polarizadores, relacionados ao meio ambiente. Ao longo dos episódios serão realizadas abordagens sobre catástrofes ambientais, políticas públicas globais de preservação ambiental, histórias e reflexões dos convidados que testemunham e relatam, de sua própria perspectiva cultural e geopolítica, os impactos das mudanças climáticas. O produto, voltado para estudantes, jornalistas, ambientalistas, docentes, pesquisadores e qualquer pessoa interessada no tema, também traz a reflexão sobre o papel da mídia na divulgação de um tema tão importante e que afeta todos em qualquer lugar do mundo.

3 RELATO DE PRODUÇÃO

Desde pequena, tive contato direto com o meio ambiente por conta da minha mãe que trabalhou na área. Poder juntar meio ambiente, com comunicação e escrita, que foram áreas que sempre gostei no jornalismo, foi muito satisfatório para mim. Não tive dúvida sobre trazer uma pauta tão presente e importante nos dias de hoje como as mudanças climáticas, principalmente devido aos acontecimentos recentes que aconteceram no Brasil, como ondas de calor, incêndios e inundações.

A escolha de fazer um produto midiático podcast também foi algo que estive na minha zona de conforto. Na época da minha escolha, estava fazendo estágio na Rádio USP Ribeirão Preto e sempre gostei de falar na rádio, gravar minhas matérias jornalísticas e poder falar para o público. Poder fazer um podcast e trazer esse conteúdo para o público ouvinte foi algo que não tive dúvidas ao escolher.

No início fui um pouco desincentivada por não ter muitas fontes que falassem sobre o tema em Ribeirão Preto, e além disso, queria trazer uma abordagem ampla e diferenciada. Conversando com a minha orientadora, surgiu a ideia de fazermos uma abordagem sobre como está a questão ambiental em diferentes lugares do mundo, e o mais inédito, pelo olhar de jornalistas, nada melhor do que trazer um olhar desses profissionais que se formaram para passar informação ao público.

A ansiedade no primeiro semestre do meu último ano de curso fez com que eu conseguisse adiantar as gravações e edições das entrevistas para o podcast, deixando todo o processo muito mais tranquilo para o segundo semestre. Tive muita facilidade em produzir os roteiros, as gravações e entrar em contato com as fontes, foi muito natural e prazeroso para mim.

Ao fim, consegui juntar o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o projeto de inovação do último ano do curso de Jornalismo, e com isso, expandir todo o conteúdo produzido para multiplataformas, por meio de vídeos no youtube, matérias jornalísticas para um blog e produzir conteúdos para o Instagram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo compreender por meio de entrevistas com jornalistas, atuantes ou não na área, e especialistas que vivem no Brasil e em outros países, como foram suas percepções em relação às notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas que são veiculadas e reportadas em diferentes países como o Brasil, Irlanda, Dinamarca, França, Portugal. Além disso, entender como está a situação climática nesses locais, quais são as ações realizadas para ajudar o meio ambiente e trazer conscientização ao público ouvinte.

Com a produção dos episódios, foi possível constatar que a abordagem feita pela mídia e veículos de comunicação são, muitas vezes, limitada, não tão frequente e com pouco investimento dos meios, e somente são apresentadas quando acontecem desastres climáticos, situações ou ações que sejam relevantes. Com essa limitação, cabe aos jornalistas independentes fazerem a cobertura desses eventos, mas que acaba sendo caro, tanto por questões de locomoção até o local quanto por poder prejudicar sua saúde física ao depender do tipo de situação que está acontecendo.

Nota-se uma lacuna em relação às notícias de questões climáticas que chegam ao Brasil sobre outros países e sobre as que chegam em outros países sobre o Brasil, os veículos de comunicação só fazem questão de reportar informações internacionais quando elas são realmente negativas e quando podem afetar quem está lendo a notícia. Isso é um grande problema, pois sem uma cobertura que seja constante e frequente, positiva e negativa, acaba sendo prejudicial para a conscientização das pessoas sobre o tema.

Por isso, a importância deste trabalho e da produção do produto midiático, para trazer a realidade de como está a situação ambiental em diferentes lugares, permitindo o acesso ao conteúdo para diversas pessoas, e principalmente, as que moram ou vivem em lugares distintos. A ideia de trazer jornalistas e especialistas foi para que informações confiáveis e precisas cheguem ao público, e para que os profissionais da comunicação possam trazer essa avaliação de como a mídia geral está fazendo a abordagem sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amanda. **Os 5 dados assustadores sobre o clima extremo ligados ao aumento do calor na Terra**. National Geographic Brasil, 21 ago. 2024. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2024/08/os-5-dados-assustadoressobre-o-clima-extremo-ligados-ao-aumento-do-calor-na-terra>. Acesso em: 26 out. 2024.

BATISTA, Eraldo Carlos; MATOS, Luís Alberto Lourenço; NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III, 2017. Disponível em: [https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/download/17910/11692/43632#:~:text=Entrevista%20semiestruturada%3A%20Combina%20perguntas%20fechadas,formulada%20\(MINAYO%2C%202010\)](https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/download/17910/11692/43632#:~:text=Entrevista%20semiestruturada%3A%20Combina%20perguntas%20fechadas,formulada%20(MINAYO%2C%202010)). Acesso em: 08 de nov. 2024.

BELMONTE, Roberto Villar. **Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro**. Revista Brasileira de História da Mídia, 2017. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>. Acesso em: 08 de nov. 2024.

CLEAN ENERGY WIRE. **Denmark keeps on dithering over climate adaptation plans**. Disponível em: <https://www.cleanenergywire.org/news/denmark-keeps-dithering-overclimate-adaptation-plans>. Acesso: 2 maio 2025.

CNN Brasil. **Incêndio em Ribeirão Preto impacta a rotina dos moradores e eleva o número de atendimentos médicos**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/incendio-em-ribeirao-preto-impacta-a-rotina-dosmoradores-e-eleva-o-numero-de-atendimentos-medicos/>. Acesso em: 1 maio 2025.

COSTA, Grace. **Jornalismo e meio ambiente na Amazônia**. ResearchGate, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332736207_Jornalismo_e_Meio_Ambiente_na_Amazonia. Acesso em: 6 nov. 2024.

DAL PIAN, Luiz Fernando; ALVES, Daniel Durante Pereira. **Desafios da divulgação científica em cobertura jornalística de desastre ambiental**. Ciência & Educação, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 723-741, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/CfQMtrpFVfRRRLV4m4NWcWQb/>. Acesso em: 26 out. 2024.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Guia básico para jornalistas em cobertura de eventos extremos**. 2024. Disponível em: https://fenaj.org.br/wpcontent/uploads/2024/06/GUIA-B%3%81SICO-PARA-JORNALISTAS-EMCOBERTURA-DE-EVENTOS-EXTREMOS_JUN24.pdf. Acesso em: 26 out. 2024.

FIA. **Ebulição global: entenda o que é, causas e consequências desta nova era**. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/o-que-e-ebulicao-global/>. Acesso em: 04 mar. 2025.

FRANÇA, Lucas. **Como eventos climáticos extremos afetam o cotidiano**. BBC News Brasil, 25 set. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cz04gkdr881o>. Acesso em: 26 out. 2024.

G1. **População de Ribeirão Preto respira pior ar do estado de SP há 4 dias**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2024/09/05/populacao-de-ribeiraopreto-respira-pior-ar-do-estado-de-sp-ha-4-dias.ghtml> . Acesso em: 1 maio 2025.

GEOLOGICAL SURVEY IRELAND. **Effects in Ireland**. Disponível em: <https://www.gsi.ie/en-ie/geoscience-topics/climate-change/Pages/Effect-in-Ireland.aspx> . Acesso em: 2 maio 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

Globo Esporte. **De Rio Sena poluído a Vila Olímpica criticada: veja os maiores problemas das Olimpíadas 2024**. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/08/11/de-rio-sena-poluido-a-vila-olimpicacriticada-veja-os-maiores-problemas-das-olimpiadas-2024.ghtml>. Acesso em: 12 maio 2025

IBERDROLA. **Jornalismo ambiental: informar para aumentar a conscientização sobre a crise climática**. Iberdrola. Disponível em: <https://www.iberdrola.com/cultural/jornalismoambiental>. Acesso em: 6 nov. 2024.

IEMA. **Qual a diferença entre gases de efeito estufa e poluentes atmosféricos**. Disponível em: <https://energiaambiente.org.br/qual-a-diferenca-entre-gases-de-efeito-estufa-e-poluentsatmosfericos-20220511>. Acesso em: 23 mar. 2025

JAVORSKI, Elaine. **Radiojornalismo: do analógico ao digital**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2017. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 23 mar. 2025.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do Jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LUDKE, Menga; André, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. Disponível em: <https://td.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/download/1971/1710>. Acesso em: 26 out. 2024.

Metrópoles. **Focos de incêndio em plena cidade causam pânico em Ribeirão Preto**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/focos-de-incendio-em-plena-cidadecausam-panico-em-ribeirao-preto> . Acesso em: 1 maio 2025

MILTON, Carlos. **Saiba como são escolhidos os nomes para furacões e tempestades; veja a lista de 2024**. G1 Meio Ambiente, 10 out. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/meioambiente/noticia/2024/10/10/milton-saiba-como-sao-escolhidos-os-nomes-para-furacoes-etempestades-veja-a-lista-de-2024.ghtml>. Acesso em: 26 out. 2024.

MOROZ, Raphael; BARREIROS, Tomás Eon. **Expressão oral: um guia para você se comunicar bem em diferentes contextos**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2020. *E-book*.

Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/178177>. Acesso em: 04 mar. 2025.

OLIVEIRA, Bruno. **Teorias do jornalismo: Teoria do agendamento**. Ben Oliveira, 18 jun. 2011. Disponível em: <http://www.benoliveira.com/2011/06/teorias-do-jornalismo-teoria.html>. Acesso em: 26 out. 2024.

ONU. **Causas e Efeitos das Mudanças Climáticas** | Nações Unidas. Disponível em: <https://www.un.org/pt/climatechange/science/causes-effects-climate-change>. Acesso em: 23 mar. 2025

PAZ, Mariana da. **A teoria organizacional e o jornalismo: uma análise das notícias sobre a UNIFOR no portal Diário do Nordeste**. In: II Mostra de Produção Científica e Tecnológica do Cariri, 2017, Juazeiro do Norte. Anais [...]. Juazeiro do Norte: Instituto Federal do Ceará, 2017. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/mpct2017/44920-ateoria-organizacional-e-o-jornalismo--uma-analise-das-noticias-sobre-a-unifor-no-portaldiario-do-nordeste/>. Acesso em: 26 out. 2024.

PÚBLICO. **Portugal é o país da Europa em que alterações climáticas têm maior impacto**. Disponível em: <https://www.publico.pt/2023/08/18/azul/noticia/portugal-pais-europaalteracoes-climaticas-maior-impacto-2060549>. Acesso em: 1 maio 2025.

PÚBLICO. **Clima: 99% dos portugueses apoiam medidas para combater alterações climáticas**. Disponível em: <https://www.publico.pt/2024/11/11/azul/noticia/clima-99portugueses-apoiam-medidas-combater-alteracoes-climaticas-2111313>. Acesso em: 1 maio 2025.

REDAÇÃO. **Um mês de enchentes no RS: veja cronologia do desastre**. G1 Rio Grande do Sul, 29 maio de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-dosul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml>. Acesso em: 26 out. 2024.

REUTERS. **Four arson suspects arrested for setting fires in Brazil farmland**. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/americas/three-arson-suspects-arrested-setting-firesbrazil-farmland-2024-08-26/>. Acesso em: 1 maio 2025.

REUTERS. **Wildfires rage in sugar cane fields in Brazil's southeast**. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/americas/wildfires-rage-sugar-cane-fields-brazils-southeast2024-08-24/>. Acesso em: 1 maio 2025.

SILVA, Mariana. **As queimadas no interior de São Paulo**. CNN Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-sabemos-sobre-as-queimadas-no-interior-de-sp/>. Acesso em: 26 out. 2024.

THE CLIMATE REALITY PROJECT. **How Climate Change Is Impacting France**. Disponível em: <https://www.climateRealityProject.org/blog/how-climate-change-impactingfrance>. Acesso em: 1 maio 2025.

APÊNDICES:**1. Roteiro de entrevista com Haline Nobre Cezar**

ROTEIRO DE CAPTAÇÃO #1: GRAVAÇÃO HALINE NOBRE CEZAR		
DATA: 09/05/2025	HORÁRIO: 19h	DURAÇÃO: 30-20 min.
SIGLAS: TÉC. = TÉCNICA LOC. = LOCUTOR VH. = VINHETA		
APRESENTAÇÃO: ANALICE CANDIOTO		

TÉC: VH - ABERTURA

LOC.: Olá! Seja bem-vindo ao podcast Comunicação Climática, que traz notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas em todo o mundo.

LOC.: No episódio de hoje recebemos a engenheira ambiental, Haline Nobre Cezar, especialista em Gestão Pública Ambiental. Ela atuou por 12 anos no Grupo de Atuação Especial de Defesa do Meio Ambiente, o GAEMA, no Ministério Público de Ribeirão Preto, e hoje, é secretária adjunta do Meio Ambiente e Agricultura da Prefeitura Municipal de Sertãozinho.

LOC.: Olá Haline, muito obrigada por ter aceitado o nosso convite!

CONVIDADO:

LOC.: Vamos lembrar que em Agosto de 2024 tivemos um episódio de muitos focos de incêndios no interior do Estado de São Paulo, principalmente na região de Ribeirão Preto. Esses incêndios impactaram a rotina de moradores, elevando o número de atendimentos médicos que na época foram considerados 60% acima da média normal, e também tivemos a pior qualidade do ar em todo o estado, definida como muito ruim, de acordo com a Companhia Paulista de Meio Ambiente, a Cetesb.

LOC.: Haline, é possível identificar quais foram os motivos para que a ocorrência desses incêndios acontecessem de forma tão inesperada aqui na cidade e na região?

CONVIDADO

LOC.: Quais são os impactos que esses incêndios geram para a população, para o ecossistema da cidade e para o País de forma geral?

CONVIDADO

LOC.: Na época em que os incêndios ocorreram, foi tomada alguma iniciativa para prevenir e controlar o que estava acontecendo? E a partir de agora, o que a população e o poder público devem fazer para que isso não aconteça mais?

CONVIDADO

LOC.: Haline quais são os principais desafios ambientais enfrentados por Ribeirão Preto e região atualmente e que você vê que tem sido amplamente divulgado pela mídia?

CONVIDADO

LOC.: Como a vegetação local está se recuperando após os incêndios?

CONVIDADO

LOC.: Existe alguma estratégia para restaurar essas áreas queimadas?

CONVIDADO

LOC.: Você acredita que o Estado de São Paulo e Ribeirão Preto já estão sentindo os efeitos das mudanças climáticas?

CONVIDADO:

LOC.: Em sua opinião, Ribeirão Preto tem adotado políticas públicas adequadas para lidar com os impactos das mudanças climáticas?

CONVIDADO:

LOC.: Quais seriam as perspectivas para os incêndios e condições ambientais em Ribeirão Preto e na região para os próximos anos?

CONVIDADO:

LOC.: Haline, muito obrigada pela sua participação.

CONVIDADO:

LOC.: Espero que tenham gostado do episódio de hoje. Muito obrigada e até a próxima.

TÉC: VH - ENCERRAMENTO

2. Roteiro de entrevista com Joel Silva



ROTEIRO DE CAPTAÇÃO #2: GRAVAÇÃO JOEL SILVA		
DATA: 20/05/2025	HORÁRIO: 19h	DURAÇÃO: 20-30 min
SIGLAS: TÉC. = TÉCNICA LOC. = LOCUTOR VH. = VINHETA		
APRESENTAÇÃO: ANALICE CANDIOTO		

TÉC: VH - ABERTURA

LOC.: Olá! Seja bem-vindo ao podcast Comunicação Climática, que traz notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas em todo o mundo.

LOC.: No episódio de hoje recebemos o independente fotojornalista, Joel Silva. Ele já realizou diversos trabalhos fora do Brasil, como na Guerra da Síria, revolta da Primavera Árabe e o massacre no Cairo, capital do Egito. Seus trabalhos já foram publicados nos principais jornais do mundo como The New York Times, Washington Post, Le Monde, El País, The Independent e nas revistas americanas Time e Life.

LOC.: Olá Joel, muito obrigada por ter aceitado o nosso convite!

CONVIDADO:

LOC.: Eu vi que você já realizou diversas coberturas sobre questões ambientais, como na Agência de Notícias Reuters, sobre os incêndios que tiveram em Ribeirão Preto, e em outros veículos sobre a seca da represa do Rio Grande, em Guaraci, na divisa de São Paulo com Minas Gerais, por exemplo.

LOC.: O que te incentivou a começar a cobrir esses eventos climáticos e como foi para realizá-los?

CONVIDADO

LOC.: Teve algum evento climático específico que foi mais impactante para você?

CONVIDADO

LOC.: Há alguma imagem que você fez que simboliza o que está acontecendo com o clima no mundo?

CONVIDADO

LOC.: Joel, quais são os maiores desafios de cobrir eventos climáticos extremos? Existe algum risco?

CONVIDADO

LOC.: Essas coberturas deixaram marcas em você, como medo, exaustão ou angústia ao registrar esse tipo de evento?

CONVIDADO

LOC.: Qual é o papel da imagem na sensibilização sobre as mudanças climáticas?

CONVIDADO

LOC.: Na sua visão, o que mudou nos últimos anos em relação à frequência ou à intensidade dos eventos climáticos que você cobre?

CONVIDADO:

LOC.: O que falta na cobertura jornalística dos desastres climáticos, em sua opinião?

CONVIDADO

LOC.: O que poderia ser melhor nesse tipo de cobertura jornalística?

CONVIDADO:

LOC.: Você acha que o jornalismo brasileiro está preparado para acompanhar a escalada da crise climática?

CONVIDADO

LOC.: Joel, você que trabalha para a imprensa internacional, como eles veem o Brasil nas questões climáticas

CONVIDADO

LOC.: E como você vê os outros países nas questões climáticas?

CONVIDADO

LOC.: Joel, muito obrigada pela sua participação.

CONVIDADO:

LOC.: Esse foi mais um episódio do podcast Comunicação Climática. Muito obrigada e até a próxima.

TÉC: VH - ENCERRAMENTO

3. Roteiro de entrevista com Milena Maganin



ROTEIRO DE CAPTAÇÃO #3: GRAVAÇÃO MILENA MAGANIN		
DATA: 26/05/2025	HORÁRIO: 16h	DURAÇÃO: 20-30 min.
SIGLAS: TÉC. = TÉCNICA LOC. = LOCUTOR VH. = VINHETA		
APRESENTAÇÃO: ANALICE CANDIOTO		

TÉC: VH - ABERTURA

LOC.: Olá! Seja bem-vindo ao podcast Comunicação Climática, que traz notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas em todo o mundo.

LOC.: No episódio de hoje recebemos a Jornalista, Milena Maganin, que atuou também como consultora de marketing digital, produtora audiovisual e professora. Atualmente, ela vive em Lisboa, Portugal, onde atua como coordenadora técnica na Nestlé Business Services, gerindo plataformas para múltiplos mercados europeus.

LOC.: Olá Milena, muito obrigada por ter aceitado o nosso convite!

CONVIDADO:

LOC.: Portugal já foi considerado o país da Europa em que as alterações climáticas tiveram maior impacto, segundo o vice-presidente da Agência Portuguesa do Ambiente, Carlos Pimenta Machado. Ele mencionou que já foram notadas diversas mudanças na falta de água, aumento da temperatura, incêndios, chuvas mais concentradas e longos períodos de seca.

LOC.: Você tem notado que essas notícias sobre alterações climáticas e os seus impactos no País tem sido mais frequentes na mídia portuguesa ultimamente?

CONVIDADO

LOC.: Você sente que ainda falta mais conscientização e mais abordagem sobre o assunto nos veículos de comunicação de Portugal?

CONVIDADO

LOC.: Você já consegue sentir os impactos das mudanças climáticas em Lisboa? Se sim, quais?

CONVIDADO

LOC.: O governo português está tomando alguma medida para combater as mudanças climáticas?

CONVIDADO

LOC.: Você sente que ainda faltam medidas ou iniciativas da população de Portugal no combate às alterações climáticas?

CONVIDADO

LOC.: Você acredita que os portugueses estão suficientemente sensibilizados sobre as alterações climáticas, ou ainda existe resistência em aceitar e agir sobre o problema?

CONVIDADO

LOC.: Recentemente, tiveram várias especulações sobre o apagão na Europa, que aconteceu em vários países, mas principalmente, em Portugal e na Espanha. Você acredita que esse apagão pode ter sido causado pelas mudanças climáticas que estão acontecendo nesses países? E como foi ter que lidar com esse apagão?

CONVIDADO

LOC.: Sendo jornalista, mesmo sem cobrir esses temas, você sente que há uma responsabilidade especial em conscientizar e trazer informações jornalísticas sobre os impactos das alterações climáticas no país em que você mora?

CONVIDADO

LOC.: Sobre as notícias que vêm do Brasil para Portugal, você vê muitas notícias sobre questões climáticas/ambientais daqui?

CONVIDADO

LOC.: Como a imprensa de Portugal reporta às questões climáticas do Brasil?

CONVIDADO

LOC.: Milena, muito obrigada pela sua participação.

CONVIDADO:

LOC.: Espero que tenham gostado do episódio de hoje. Muito obrigada e até a próxima.

TÉC: VH - ENCERRAMENTO

4. Roteiro de entrevista com Angela Pepe



ROTEIRO DE CAPTAÇÃO #4: GRAVAÇÃO ANGELA PEPE		
DATA: 26/05/2025	HORÁRIO: 9h	DURAÇÃO: 20-30 min
SIGLAS: TÉC. = TÉCNICA LOC. = LOCUTOR VH. = VINHETA		
APRESENTAÇÃO: ANALICE CANDIOTO		

TÉC: VH - ABERTURA

LOC.: Olá! Seja bem-vindo ao podcast Comunicação Climática, que traz notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas em todo o mundo.

LOC.: No episódio de hoje recebemos a Jornalista e empresária, Angela Pepe, fundadora da Be Angela Pepe, onde atua como consultora e organizadora de viagens em Paris e por toda a Europa. Ela está morando em Paris, na França, há 16 anos, e trabalha também com comunicação, educação e turismo.

LOC.: Olá Angela, muito obrigada por ter aceitado o nosso convite!

CONVIDADO:

LOC.: A geografia diversificada da França, que se estende dos Alpes Franceses à costa mediterrânea, torna o País mais vulnerável para uma série de riscos climáticos. O País tem registrado alguns dos aumentos de temperatura mais significativos da Europa. A onda de calor de 2019 trouxe temperaturas recordes de quase 46° Celsius, com isso, quase 1.500 pessoas perderam a vida devido ao calor extremo.

O aumento das temperaturas também está afetando a agricultura na França. Em 2020, a França teve a colheita de uvas mais precoce em quase 500 anos. As colheitas amadureceram mais de um mês antes do que nos anos anteriores, isso porque as uvas para vinho são extremamente sensíveis ao clima.

LOC.: Você tem percebido esse aumento de temperatura no seu dia-a-dia, e talvez, até um aumento do preço dos alimentos devido às questões agrícolas?

CONVIDADO

LOC.: Você se lembra da onda de calor de 2019? Como esse evento impactou a população e as políticas públicas relacionadas ao clima?

CONVIDADO

LOC.: Diante desses extremos climáticos, como você observa a resposta da sociedade francesa—há um senso de urgência ou ainda há resistência em aceitar a situação?

CONVIDADO

LOC.: Você percebe que a mídia francesa cobre de maneira eficaz os eventos climáticos extremos e suas consequências? Como é feita essa abordagem?

CONVIDADO

LOC.: Como cidadã e jornalista, você sente que há um papel importante na comunicação sobre os impactos climáticos na França? Qual?

CONVIDADO

LOC.: Há alguma iniciativa local ou projeto ambiental na França para combater essas mudanças climáticas e seus impactos?

CONVIDADO

LOC.: Os Jogos Olímpicos de Paris 2024 tiveram diversos problemas como treinos cancelados, provas adiadas e atletas com problemas de saúde após nadarem no Rio Sena. Após o ano passado, não chegou mais notícias de como está a atual situação desse rio. Você sabe me dizer como ele está atualmente e quais medidas o poder público francês está tomando para melhorar a situação do Rio Sena?

CONVIDADO:

LOC.: Em sua opinião, as mudanças climáticas estão afetando destinos turísticos no país e na Europa?

CONVIDADO:

LOC.: Sobre as notícias que vêm do Brasil para a França, você vê muitas notícias sobre questões climáticas/ambientais daqui?

CONVIDADO

LOC.: Como a imprensa francesa trata e fala sobre as questões climáticas do Brasil?

CONVIDADO

LOC.: Angela, muito obrigada pela sua participação.

CONVIDADO:

LOC.: Espero que tenham gostado do episódio de hoje. Muito obrigada e até a próxima.

TÉC: VH - ENCERRAMENTO

5. Roteiro de entrevista com Brenda Marchiori



ROTEIRO DE CAPTAÇÃO #5: GRAVAÇÃO BRENDA MARCHIORI		
DATA: 29/05/2025	HORÁRIO: 15h	DURAÇÃO: 20-30 min.
SIGLAS: TÉC. = TÉCNICA LOC. = LOCUTOR VH. = VINHETA		
APRESENTAÇÃO: ANALICE CANDIOTO		

TÉC: VH - ABERTURA

LOC.: Olá! Seja bem-vindo ao podcast Comunicação Climática, que traz notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas em todo o mundo.

LOC.: No episódio de hoje recebemos a Jornalista, Brenda Marchiori, mestranda em Jornalismo, Mídia e Globalização na Universidade de Aarhus, na Dinamarca, com especialização em Política e Comunicação pela Universidade de Amsterdam, na Holanda. Ela é formada em Jornalismo pela Unaerp e também em Relações Internacionais pela Unesp.

LOC.: Olá Brenda, muito obrigada por ter aceitado o nosso convite!

CONVIDADO:

LOC.: Sendo um país de ilhas e penínsulas, a adaptação climática na Dinamarca tem sido totalmente voltada para a água, preparando-se para a elevação do nível do mar e chuvas mais intensas. A precipitação anual do País já aumentou 15%, enquanto as temperaturas médias subiram 1,5°C em comparação com os níveis pré-industriais.

Mais água significa mais inundações. A Dinamarca viveu um momento decisivo e chocante no verão de 2011, quando houve a maior precipitação em um período de 24 horas já registrada pela Dinamarca em meio século em Copenhague, causando mais de 800 milhões de euros em prejuízos.

LOC.: Brenda, você tem notado essas mudanças no clima e nas temperaturas da Dinamarca?

CONVIDADO

LOC.: Quais mudanças o País tem feito para lidar com essa questão da elevação do nível do mar e das chuvas mais intensas?

CONVIDADO

LOC.: Como as chuvas mais intensas e o aumento do nível do mar têm impactado a vida cotidiana nas cidades e comunidades dinamarquesas?

CONVIDADO

LOC.: Quais são as medidas que a Dinamarca está tomando para lidar com as mudanças climáticas e com questões ambientais e de sustentabilidade?

CONVIDADO

LOC.: Como você avalia a conscientização da população dinamarquesa sobre a crise climática? Há um senso de urgência?

CONVIDADO

LOC.: Você acredita que o jornalismo dinamarquês cobre de maneira eficaz as questões climáticas ou ainda há lacunas na cobertura?

CONVIDADO

LOC.: A mídia tem trazido questões climáticas e ambientais em pauta ou você acha que ainda falta falar mais sobre o assunto?

CONVIDADO:

LOC.: Existe algum impacto perceptível nos estilos de vida dinamarqueses devido às mudanças climáticas?

CONVIDADO:

LOC.: A crise climática já está influenciando debates políticos na Dinamarca?

CONVIDADO:

LOC.: Como você enxerga o papel do governo na mobilização contra os impactos climáticos?

CONVIDADO:

LOC.: Sobre as notícias que vêm do Brasil para a Dinamarca, você vê muitas notícias sobre questões climáticas/ambientais daqui?

CONVIDADO:

LOC.: Como a imprensa dinamarquesa reporta o Brasil nas questões climáticas?

CONVIDADO

LOC.: Brenda, muito obrigada pela sua participação.

CONVIDADO:

LOC.: Espero que tenham gostado do episódio de hoje. Muito obrigada e até a próxima.

TÉC: VH - ENCERRAMENTO

6. Roteiro de entrevista com Bruna Marchi

ROTEIRO DE CAPTAÇÃO #6: GRAVAÇÃO BRUNA MARCHI		
DATA:	HORÁRIO:	DURAÇÃO:
SIGLAS: TÉC. = TÉCNICA LOC. = LOCUTOR VH. = VINHETA		
APRESENTAÇÃO: ANALICE CANDIOTO		

TÉC: VH - ABERTURA

LOC.: Olá! Seja bem-vindo ao podcast Comunicação Climática, que traz notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas em todo o mundo.

LOC.: No episódio de hoje recebemos a Jornalista, Bruna Marchi, formada pela Unaerp. Ela já atuou em empresas como Mundo Zumm, Milagre do Verbo e Ourofino Saúde Animal. Estudou Artes Cênicas por quatro anos e construiu sua identidade como comunicadora artística e audiovisual. Atualmente, ela está morando na Irlanda, cursando Línguas na Griffith College Cork, e também é fluente em inglês, espanhol e está aprendendo francês.

LOC.: Olá Bruna, muito obrigada por ter aceitado o nosso convite!

CONVIDADO:

LOC.: Na Irlanda, os efeitos das mudanças climáticas podem ser vistas com o aumento da temperatura. As temperaturas já tiveram um aumento de 0,7 ° C em anos anteriores, e depois, de 1980 a 2008, aumentaram mais 0,4 ° C.. Parece pouco, mas já deu para perceber as consequências. O aumento das temperaturas teve efeitos colaterais no ambiente natural da Irlanda, alterando a estação de crescimento, afetando a agricultura e aumentando o número de animais adaptados a temperaturas mais altas. Um aumento na frequência e no impacto das tempestades também foi registrado nas últimas décadas.

LOC.: Bruna, você tem notado essas mudanças no seu dia-a-dia?

CONVIDADO

LOC.: Em sua opinião, como os impactos climáticos têm afetado as áreas rurais e as práticas agrícolas irlandesas, que são tão tradicionais no país?

CONVIDADO

LOC.: Você acredita que a população irlandesa está ciente e preocupada com os efeitos das mudanças climáticas no país?

CONVIDADO

LOC.: Você acredita que o governo irlandês está adotando medidas eficazes para mitigar e se adaptar às mudanças climáticas?

CONVIDADO

LOC.: Há alguma iniciativa ambiental ou projeto local na Irlanda que você acredita que está ajudando nessa questão do meio ambiente?

CONVIDADO

LOC.: A mídia irlandesa tem falado de forma eficaz sobre as mudanças climáticas e suas consequências? Como é feita essa abordagem?

CONVIDADO:

LOC.: Como você acredita que o jornalismo pode contribuir para aumentar a conscientização sobre os desafios climáticos enfrentados pela Irlanda?

CONVIDADO:

LOC.: Sobre as notícias que vêm do Brasil para a Irlanda, você vê muitas notícias sobre questões climáticas/ambientais daqui?

CONVIDADO

LOC.: Como a imprensa irlandesa aborda as questões climáticas e ambientais do Brasil?

CONVIDADO

LOC.: Bruna, muito obrigada pela sua participação.

CONVIDADO:

LOC.: Espero que tenham gostado do episódio de hoje. Muito obrigada e até a próxima.

TÉC: VH - ENCERRAMENTO

7. Decupagem da entrevista com Haline Nobre Cezar:

Analice: Olá, seja bem-vindo ao podcast Comunicação Climática, que traz notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas em todo o mundo. No episódio de hoje, recebemos a engenheira ambiental Haline Nobre Cezar, especialista em gestão pública ambiental. Ela atuou por 12 anos no Grupo de Atuação Especial de Defesa do Meio Ambiente, o GAEMA, no Ministério Público de Ribeirão Preto, e hoje é secretária adjunta do Meio Ambiente e Agricultura da Prefeitura Municipal de Sertãozinho. Olá, Haline, muito obrigada por ter aceitado o nosso convite.

Haline: Obrigada, Analice, eu que agradeço o convite e tenho a honra de participar aqui desse podcast.

Analice: Vamos lembrar, então, que em agosto de 2024, tivemos um episódio de muitos focos de incêndio no interior do estado de São Paulo, principalmente na região de Ribeirão Preto. Esses incêndios impactaram a rotina de vários moradores, elevando o número de atendimentos

médicos, que na época foram considerados 60% acima da média normal. E também tivemos a pior qualidade do ar em todo o estado, definida como muito ruim, de acordo com a Companhia Paulista de Meio Ambiente, a CETESB. Haline, é possível identificar quais foram os motivos para que a ocorrência desses incêndios acontecessem de forma tão inesperada aqui na cidade, também na região?

Haline: Nesse ano de 2024, foi uma situação atípica. A gente tem sempre esses eventos de queimadas nos períodos de estiagem, porém, em 2024, foi muito atípico, porque o número de ocorrências, simultaneamente, foram muito elevados. Pelas imagens de satélites, pelo tempo que a gente conseguiu identificar, foi uma coisa simultânea mesmo, pode ter sido provocado de uma forma simultânea. Isso, é claro, está sendo investigado, Ministério Público, Polícia. Então, eu não tenho a informação das investigações, porém, eu sei de relatos de que foram várias motivações. Então, eu não sei falar, tecnicamente, em relação às investigações, mas é que foram vários e que foram simultâneos. Começou de forma simultânea, e depois foram eventos diversos, com outras motivações diversas.

Analice: E quais foram os impactos que esses incêndios geraram para a população e também para o ecossistema daqui da região?

Haline: Olha, o impacto, assim, até é, às vezes, incalculável, pela questão, não só a questão ambiental, porque na questão ambiental, é a qualidade do ar, é a questão da biodiversidade, porque muita vegetação queimada, animais queimados. Então, assim, é um dano ambiental muito grande, sem falar nas questões sociais, do pânico que muita gente passou, porque o fogo chegou em residência, muito próximo da cidade. Então, esse dano psicológico nas pessoas, o dano realmente à segurança dessas pessoas, a questão de dano também, a questão econômica, porque foi pego fogo em áreas de cana. Então, o dano, nesses eventos, foi geral, de todas as esferas, tanto econômico, social e ambiental.

Analice: Você acredita que isso também teve um impacto para o país, de alguma forma?

Haline: É, eu não sei se chega a ter uma dimensão, assim, indiretamente, uma hora, isso vai se potencializando, esses efeitos, mas em relação ao nosso estado, a nossa região, ao nosso, no país, porque não foi só aqui na região de Ribeirão Preto, esses incêndios ocorreram em outros estados também. Então, sim, para o nosso país foi um impacto grande, foi sentido em uma grande área, né?

Analice: Sim, certo, e na época que esses incêndios aconteceram, foi tomada alguma iniciativa para prevenir e controlar essa situação?

Haline: Desde que eu trabalhava no Gaema, eu sei que o Gaema atua todo ano com ações de prevenção, fazendo reuniões com todos os setores, tanto o setor agrícola, quanto o setor

industrial, concessionárias, os órgãos ambientais, então, sim, isso já vem, há muito, eu sei, antes de 2014, já tinha esse trabalho, a partir de 2014, com o grande incêndio que teve na Mata de Santa Tereza, essas ações foram intensificadas, então, o Gaema faz atuação todo ano para ter as medidas de contenção, de prevenção, com os planos de atuação mútua entre os setores, então, isso vem sendo trabalhado, né? As prefeituras sempre estão se reestruturando, montaram, a Defesa Civil montou os brigadistas, tem treinamento anualmente, foram adquiridos vários equipamentos, então, tem caminhão-pipa, tem um sistema de monitoramento que a Canaeste, ele possui, é um sistema de monitoramento particular, mas que eles fazem com todas as propriedades que são vinculadas a eles, e tem um monitoramento que eles identificam por um raio os incêndios que podem atingir aquela propriedade que é associada, e, imediatamente, eles têm um alerta que aciona um sistema de prevenção com os sistemas que são caminhões-pipas, os proprietários dessas áreas, para que eles possam atuar o quanto antes para conter esses incêndios. Então, ações, tem muitas ações de prevenção, mas 2024 foi uma coisa muito atípica, a gente poderia ter a estrutura que fosse, o bombeiro poderia ter a estrutura que fosse, mas não iria conseguir prever ou combater de forma tão rápida esses incêndios, porque foram simultâneos. Então, não tem uma estrutura, não tem como a gente prever o que aconteceu em 2024, espero que isso não ocorra mais, que a gente consiga fazer um monitoramento de identificar quem são essas pessoas causadoras desses eventos, e que possa coibir antes deles atear o fogo, mas pensar numa estrutura de combate ou mesmo de estrutura de prevenção, para combater o que aconteceu em 2024, é muito difícil da gente ter.

Analice: Entendi, e esse incêndio que você citou, que teve na Mata Santa Tereza, como que aconteceu isso? Teve algum motivo específico? Porque foi um incêndio muito grande também.

Haline: Foi, foi um incêndio muito grande, o que teve, tem anos lá, especificamente agora, eu não me recordo qual foi a real motivação, mas eu lembro que teve também, tem questões religiosas, que fazem trabalhos religiosos, e às vezes acontece de deixarem velas, e isso no período seco, porque às vezes a pessoa faz aquele ritual, acende uma vela e vai embora, e não sabe o que acontece. Então lá na Mata Santa Tereza, tinha pelo menos um ponto que era muito usado para esse tipo de atividade, e isso pode ter sido uma das causas do incêndio. E na época ainda não tinha um sistema de monitoramento muito intenso na unidade. Após esse incêndio, foi pedido para que eles montassem um sistema de monitoramento, eles têm torres de monitoramento, tem vigia, então tem rota para vigiar o entorno da mata, foi feita, fecharam uma estrada que cruzava a mata, e isso também serve de proteção, porque não tem as pessoas transitando dentro da mata. Então várias ações foram tomadas para a prevenção, tanto que não

teve mais nenhum incêndio grave lá, porque eles estão sempre em alerta, tem todo um plano de atuação ali para prevenção, até em relação aos aceiros, todo ano é da manutenção nos aceiros em torno da unidade, para que realmente não ocorra mais nenhum grande incêndio. **Analice:** E essas ações foram feitas pelo poder público ou pelo Ministério Público?

Haline: Então, teve uma ação do Ministério Público pedindo algumas dessas ações, mas quem que gerencia a gestão é do Estado, da Fundação Florestal, em que eles fazem a gestão da unidade de conservação.

Analice: Entendi. E a partir de agora, tem algo que a Prefeitura de Ribeirão Preto e também a população possam fazer, podem fazer para que esse tipo de situação não aconteça mais?

Haline: Ah, temos muitas ações. Então vai desde a questão de não ter um descarte de lixo irregular, porque o fogo, o bombeiro sempre deixou isso muito claro, 99% dos incêndios é causado pelo homem. Então assim, muitos falam, ah não, foi um raio de sol que aqueceu e pegou fogo. Pode acontecer? Pode, mas acontece isso com frequência? Não. Então a maioria dos casos ocorre por uma ação do homem, mas não às vezes propositalmente. Já aconteceu em 2021, 2022, que pegou fogo na unidade de conservação do Jataí, uma das maiores unidades de conservação de cerrado que nós temos no nosso país, e pegou fogo. Com a investigação, descobriu que o incêndio iniciou no município de São Carlos, que uma pessoa colocou fogo num lixo, num sítio, e o fogo, ele colocou fogo no lixo e largou, e não ficou acompanhando. O fogo se espalhou e chegou a pular, porque era o divisor era o rio Mogi, pulou o fogo pra lá da reserva. Meu Deus. E aí, num período seco, de estiagem, com vento, o fogo se alastra muito rápido. Sim. Então às vezes, você colocar fogo num lixo, que é crime isso, principalmente você não acompanhar o que aquela queimada pode causar, então pode acontecer grandes, grandes desastres com um pequeno ato. Sim. Então, teve também no período da pandemia, muita gente, porque tava todo mundo confinado, quando tinha oportunidade, queria ir fazer um churrasco, ter contato com a natureza, e muita gente foi pro meio do mato, pra onde não tinha gente, com medo da Covid, fazia um churrasquinho lá entre a família e ir embora, e não apagava a churrasqueira, e causavam incêndios também. Então assim, tem muitos fatores que podem contribuir pra um grande incêndio. Então assim, é importante a limpeza dessas áreas, principalmente nos pontos recorrentes de incêndio, de descarte de lixo, porque se tem lixo, as pessoas passam e colocam fogo, isso é, com frequência acontece, então a limpeza dessas áreas, acero em áreas que tem divisa com alguma área verde, ou alguma remanescente florestal, é importante ter esse acero pra evitar que o fogo chegue até nessa vegetação, ter os sistemas de monitoramento, vigia, fiscalização mesmo, pra ver se não tem ninguém querendo colocar fogo,

porque também teve fatos de pessoas simplesmente passar e começar a ter fogo, então acontece. Então assim, a gente tem muitas opções. A população pode ajudar, em qualquer município, a não jogar o lixo em lugar inadequado, a quando ver alguém colocando fogo, denunciar, porque colocar fogo queimada é crime, então não colocar fogo, mesmo que for no quintal, ah eu varri lá umas folhinhas, não, não pode, é crime colocar fogo. Então assim, a população pode colaborar em não fazendo esses atos, e também na fiscalização, quando identificar a poder nacional, os órgãos responsáveis pra que tomem as providências, então eu acho que a responsabilidade é de todos, até porque atinge a saúde de todo mundo, nós estamos, todos moramos no mesmo planeta, então nós temos que cuidar.

Analice: Sim, e às vezes também tem um simples ato assim, tipo da pessoa jogar a bituca de cigarro, e aí já pega fogo em tudo também.

Haline: Principalmente isso acontece com frequência em estrada, às vezes a pessoa tá viajando e fuma e joga a bituca de cigarro, então esse é um trabalho também que o Ministério Público tá fazendo de manter essa, ter a roçagem de cerca a cerca, que é a área de servidão das concessionárias ou mesmo do DR, pra evitar que o fogo se propague, que tenha muito mato nas margens das rodovias e que não cause grandes acidentes. Que nós tivemos ali na Anhanguera, na estrada em Pontal, Pitangueiras, vários incêndios em rodovias, que não é só a questão do ambiente, tem a questão do ambiente, prejudica sim, que vai ter a poluição, mas também causa o acidente, porque a fumaça numa rodovia atrapalha a visão, então pode causar um acidente, então sim, os animais, se vê o fogo, pode correr pra rodovia, pode ser atropelamento de animais, causar acidentes, então sim, só tem prejuízo, não tem nenhum benefício em colocar fogo.

Analice: Sim, exatamente, e Aline, hoje em dia, quais são os principais desafios ambientais que Ribeirão Preto enfrenta? E a região também, e que, às vezes, você vê que tem sido divulgado na mídia, na televisão, ou você vê que não estão falando muito sobre isso?

Haline: Se fala bastante sobre essas questões, principalmente agora com esses efeitos extremos que a gente sofre, a gente viu no Rio Grande do Sul, com o grande incêndio, a questão dos incêndios que nós sofremos aqui, então, assim, é o Pantanal, a Amazônia, que tá sempre em fogo, a quantidade de seca, a seca que tivemos na Amazônia no ano passado, que foi muito grave, então assim, é mundial esses efeitos, então, nós temos que, urgente, tomar as medidas para minimizar os efeitos, minimizar a emissão dos gases que aceleram o efeito estufa, que aumenta o efeito estufa, que causa toda essa alteração do clima. **Analice:** Sim, infelizmente, eu vejo mesmo que isso tá no país inteiro.

Haline: Então, assim, a gente precisa pensar melhor nos meios de transporte, em manter mais área verde, então, assim, a questão de consumo, quanto que a gente consome gera de resíduo, então, esse resíduo que a gente, hoje, eu trabalhando em sertãozinho, a gente vê, a gente tem áreas em que a gente limpa um dia, no outro dia, a população já jogou resíduo de novo, então, assim, é uma coisa que, e olha que tem vários pontos de descarte adequados, que são os ecopontos, então, assim, não tem a coleta regular de lixo, tem coleta seletiva, e mesmo assim, as pessoas jogam em lugares inadequados, então, a questão de resíduo, eu vejo que é um problema comum de todos os municípios, a questão de descarte irregular de resíduo, isso é um grande problema, a questão da vegetação, a gente cada vez mais plantar nas cidades, nas nossas regiões, pensar nos microclimas, hoje, nós temos o código florestal, que permite, às vezes, uma propriedade rural compensar em áreas muito distantes do local que ela está, eu sei que, legalmente, aquele proprietário pode fazer isso, mas, para o nosso microclima, é ruim, porque nós estamos nessa região que está cada vez mais árida, aumentando o período de estiagem, falar um pouquinho de histórica, quando eu fiz o meu TCC, que eu fiz o levantamento da região, período que eu fiz um estudo de bacias hidrográficas, e tinha que ver os regimes de chuva, porque eu ia ver a qualidade da água no período de estiagem, para ver como que o rio se comportava, o período de estiagem nos estudos era julho e agosto, hoje, nós temos um período de estiagem que começa, vai maio a setembro, e isso estamos falando de 20 anos, então, não é muito tempo, pensando em uma escala ambiental, é um espaço curto para tanta alteração.

Analice: É bem preocupante, não é? É preocupante. Nossa, e hoje em dia, você acha que a vegetação aqui no local teve alguma consequência, ou você acha que ela já se recuperou completamente dos incêndios, das queimadas?

Haline: Ah, não, recuperar, sim, até em algumas regiões, quando não é muito atingida, ela consegue se regenerar, mas de todas essas áreas que foram queimadas, com certeza, ainda não foram todas regeneradas, não. Tem, principalmente, uma grande unidade de conservação lá em Sertãozinho, conhecida como estação experimental, foi uma grande área queimada, e ela não se recuperou. Vai ter que ter intervenção para fazer recuperação nela. Então, assim, são grandes áreas, esse é só um exemplo, né?

Analice: Sim, e essa seria minha próxima pergunta também, quando não consegue se recuperar, tem alguma estratégia para restaurar essas áreas?

Haline: É, aí tem que, a intervenção tem que fazer um projeto de restauração dessa área, aí tem que fazer a intervenção, que você tem que ver qual era as espécies daquele local, qual é o tipo de vegetação para você introduzir as mesmas espécies, até as espécies que vão servir, que vão

ter frutos para a fauna que é daquela região, né? Então, o ano passado, eu vi que tinha muitos grupos, principalmente grupos de ciclistas, que iam ajudar, muita gente viu os animais que perdeu a vegetação, não tinha alimento, muita gente começou a levar os alimentos, frutas, e faziam passeios pela área rural para levar frutas, então teve muita gente que se mobilizou para fazer, levar frutas para os animais que estavam nas áreas que foram queimadas e que sobreviveram, mas que não tinham mais alimento, né? Então, é uma coisa que tem que se preocupar também.

Analice: Sim, com certeza, é porque afeta também, né, os seres vivos.

Haline: Só que a gente tem que pensar assim, não dá para a gente, ah, tudo bem, queimou, a gente vai começar a colocar qualquer coisa, né? Então, é importante a gente fazer um estudo e plantar as espécies adequadas para o local, principalmente as nativas, as que vão ter um fruto, que vai atender a fauna, então sim, a gente tem que pensar como restaurar também aquela área, né?

Analice: E é com certeza isso que vai se recuperar ou também não?

Haline: Não, se recupera, mas assim, sempre tem uma perda, porque não é só plantar árvore, porque quando você pega uma vegetação, ela não tem só árvore, ela tem uma diversidade imensa de plantas, né? De vários tipos de plantas, então vai desde a parte ali do sub-bosque, que tem graminhas e outras herbáceas que tem, além da parte arbórea. Também você tem a questão dos micro-organismos que estão nesse solo e que com fogo eles também morreram, então não é só colocar uma planta num solo que não tem matéria orgânica, que não tem microorganismo, que não vai ajudar na adubação daquela planta no ciclo da vegetação. Então a gente tem, assim, não é tão simples que só vou plantar árvore, né? Então a recuperação demora, é claro, se a gente iniciar uma recuperação introduzindo algumas vegetações, a natureza vai se encarregando, porque os pássaros trazem sementes de outros locais, né? Então aos poucos aquilo vai se reequilibrando, né? A gente não precisa introduzir todas as espécies que existiam no local, mas a gente vai dar um suporte para que naturalmente aquela área se recupere. **Analice:** Certo. E na sua opinião, então, Ribeirão Preto tem adotado as políticas públicas adequadas para lidar com os impactos das mudanças climáticas?

Haline: Olha, tem bastante projetos, eu vejo bastante instituições fazendo projetos, né? Tem lá o Instituto Ribeirão, Menos 3 Graus, eles são bem atuantes, têm propostas bem técnicas, bem sérias, né? Mesmo a prefeitura, eu vejo que tem bastante, agora tem ações, né? Para ter alterações, ter mudanças na cidade, para que em preservação das áreas verdes, nos parques,

criar mais áreas de unidades de conservação, né? Então, sim, tem ações, mas assim, Ribeirão ainda tem muito o que fazer, principalmente pensando na questão da mobilidade urbana, né? Porque nós temos muito trânsito, muito veículo, né? Muito, a nossa cidade é projetada para veículos, carros, né? Então, esse é um impacto que a gente tem, mas já tem projetos para alterações, para diminuir esse impacto.

Analice: Sim, e quais seriam as perspectivas para os incêndios, para as condições ambientais em geral em Ribeirão e na região para os próximos anos?

Haline: Olha, a ideia é sempre diminuir ao máximo as ocorrências. Falar que não vai ter nenhum foco de incêndio, nada, né? É meio utópico, né? A gente tem que levar em consideração que vai ter, sim, sempre tem alguém que coloca um fogo em um lixo, num mato, porque tem muita cultura de que, ah, vamos limpar um terreno, em vez de roçar o terreno, a gente coloca fogo. Então, isso ainda tem muito, né? Mas a expectativa é sempre evitar ao máximo e a cada ano diminuir os índices de ocorrências, né? Essa é o que todas as prefeituras sempre buscam, junto com o Ministério Público, com os outros setores privados, né? A gente está sempre se organizando para evitar que os incêndios ocorram, né?

Analice: E você acha que os impactos das mudanças climáticas também podem melhorar?

Haline: Sim, é uma consequência, né? É uma ação que a gente, que tem consequências, não é sempre de um dia para o outro. É claro, se na nossa região, por exemplo, a gente conseguir ter índices baixíssimos de focos de incêndio, é claro que a nossa qualidade de ar vai melhorar muito, o nosso clima melhora. Então, a gente já sente imediatamente, mas pensando na questão de mudanças climáticas global, isso é uma coisa que demora um pouco para a gente sentir os reflexos das alterações. Mas, se a gente começar a agir no local, isso com certeza vai refletir no global também.

Analice: Sim. Está certo, Haline. Então, por hoje é isso. Muito obrigada pela sua participação.

Haline: Eu que agradeço, tá? Estou sempre à disposição se precisar de mais alguma coisa. Obrigada.

Analice: Perfeito. Então, espero que vocês tenham gostado do episódio de hoje. Muito obrigada e até a próxima.

8. Decupagem da entrevista com Angela Pepe:

Analice: Olá, seja bem-vindo ao podcast Comunicação Climática, que traz notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas em todo o mundo. No episódio de hoje, recebemos a jornalista e empresária Angela Pepe, fundadora da Be Angela Pepe, onde atua como consultora

e organizadora de viagens em Paris e por toda a Europa. Ela está morando em Paris, na França, há 16 anos, e trabalha também com comunicação, educação e turismo. Olá, Angela, muito obrigada por ter aceitado o nosso convite.

Angela: Olá, Analice, obrigada, eu que agradeço. É um prazer voltar à Unaerp desde 2004, quando eu saí daí como estudante de jornalismo.

Analice: Perfeito, então vamos começar. A geografia diversificada da França, que se estende dos Alpes franceses à costa mediterrânea, torna o país mais vulnerável a uma série de riscos climáticos. O país tem registrado alguns dos aumentos de temperatura mais significativos da Europa. A onda de calor de 2019 trouxe temperaturas recordes de quase 46 graus celsius. Com isso, quase 1.500 pessoas perderam a vida devido ao calor extremo. O aumento das temperaturas também está afetando a agricultura na França. Em 2020, por exemplo, a França teve a colheita de uvas mais precoce em quase 500 anos. As colheitas amadureceram mais de um mês antes do que nos anos anteriores. Isso porque as uvas para o vinho são extremamente sensíveis ao clima. Ângela, você tem percebido esse aumento de temperatura no seu dia a dia e talvez até um aumento do preço dos alimentos devido a essas questões climáticas?

Angela: Olha, desde a pandemia a gente tem tido aumento em tudo quanto é produto básico. Então, antes é muito raro aqui na Europa a gente falar de inflação.

Mas depois da pandemia, infelizmente, os franceses têm lidado muito com essa questão da inflação. Em relação ao aumento do preço dos produtos, o que eu sinto é que tem havido mais importação, trazendo produtos de fora da França, que antes talvez a França produzisse. De outros países, de países longínquos, às vezes do Brasil, Nova Zelândia, da África do Sul. A laranja que a gente chupa aqui é da África do Sul, por exemplo. O abacaxi que a gente come aqui é da Costa Rica. Em relação ao aumento de temperatura, o que a gente sente são episódios de verão aqui é principalmente em julho e agosto, setembro. E os episódios de calor têm sido mais intensos, com temperaturas mais altas do que antigamente. E o que eu sinto também é que a gente tem como toda a arquitetura da cidade sempre foi pensada para o frio, então o isolamento térmico é pensado para o frio e não para o calor. Então as janelas são menores, as aberturas são menores. Então a gente acaba sentindo meio que sufocado. Em muitos poucos lugares a gente vai encontrar ar-condicionado, por exemplo. Então está tendo que haver uma grande estruturação nesse sentido.

Analice: Certo, entendi. E falando dessa onda de calor de 2019, você se lembra de quando isso aconteceu? E como esse evento impactou a população e as políticas públicas relacionadas ao clima?

Angela: A gente lembra muito bem disso. Inclusive até estava aqui levantando alguns prints da Météo France, que seria o equivalente à nossa Climatempo aí no Brasil. Então 25 de julho de 2019, eu tenho aqui o recorde, foi o recorde do ano. Eu vim da região parisiense, 42 graus, com a sensação térmica de 43. A gente lembra muito bem. Teve uma passagem até engraçada. Engraçada e triste, o elevador do meu prédio, meu marido ficou preso. A gente sentia o cheiro do cabo, da borracha, do plástico queimado no elevador. A gente ficou muito estressado porque, meu Deus, só pode ser por causa do calor que esse elevador parou. E meu filho pequenininho do lado de fora falava, pai, fica tranquilo que o técnico vai chegar.

Então, assim, brincadeiras à parte, mas a gente sabe que está batendo e está cada vez mais. Antigamente, a gente tinha um, dois dias de calor extremo no verão. Agora a gente já está tendo quase uma semana inteira de calor extremo. Aí um dia faz uma quebra de temperatura e no dia seguinte retoma aquele calor extremo. Isso acontece praticamente durante os meses de verão. Em outros meses, por exemplo, outubro, que é outono, às vezes a gente nem está sentindo que o inverno está chegando. Lógico que o inverno continua presente, né? A gente tem muito frio aqui. Mas tem feito muito mais calor e tem feito muito menos frio.

Analice: E as temperaturas sempre chegam ali pelos 40 graus mesmo ou foi só nesse período?

Angela: Tem chegado, sim, mas esse dado foi específico dessa época. Mas tem havido um dia no ano que vai chegar nesse máximo, por exemplo.

Analice: Nossa, é muita coisa, né?

Angela: Como eu estava brincando naquela hora, mas mais uma vez a gente não está aqui para brincar. Mas para uma ribeirão pretana, eu moro aqui desde 2009 e para uma ribeirão pretana eu me sinto em casa. Mas eu sei que por trás disso tem um grande trabalho a ser feito. Aí você falou da política pública, tem vários exemplos que eu acredito que a sociedade francesa e europeia de forma geral, até por leis e por incentivos, tem várias políticas, não só políticas, porque tem a iniciativa privada e a iniciativa pública por trás disso. Então a palavra de ordem é sustentabilidade, porque conhecendo ou não, todo mundo hoje em dia está de uma forma ou outra sustentável aqui na Europa. Eu acho que o exemplo mais, para um brasileiro, o melhor exemplo é a sacolinha do supermercado. Não existe mais sacolinha de supermercado aqui. Então eu acho que acaba sendo muito chocante isso para um brasileiro, porque todo mundo tem uma, eu esqueci, depois eu posso mandar uma foto. Eu sempre ando com uma sacolinha, eu e todo mundo, tem uma sacolinha dentro da bolsa, quando vai ao supermercado ou vai a uma lojinha, uma farmácia, qualquer lugar, nenhum comércio, por exemplo, vai comprar um presente, aí eles colocam o presente dentro de uma embalagem, uma sacolinha de papel, que

geralmente a gente paga, alguns centavos, mas a gente paga, mas no supermercado não tem. Então eu acho que esse é o exemplo, a melhor ilustração, pensando, tem política pública, tem coisas, tem exemplos práticos,tem, eu acho que esse é o melhor deles, por exemplo, para começar a conversa.

Analice: Sim, seria tipo aquelas ecobags que vocês utilizam?

Angela: Tem vários materiais, inclusive material reciclado, por exemplo, tem uma rede de supermercados aqui que está escrita assim, aqui dentro estão tantas garrafas, porque são garrafas pets que foram recicladas para fazer aquela sacola. Depois, se quiser, eu tento colocar vários tipos e te mando uma foto. E aí eles falam, não adianta ser sustentável pela metade, não vou gastar papel para fazer, não vou derrubar árvores para fazer sacola de papel. Então eles vão tentar usar um papel reciclado, uma garrafa reciclável, de produtos de resto de bagaço, de algum vegetal, etc. Tem vários exemplos.

Analice: Sim, e Ângela, eu fiquei pensando aqui, em relação ao frio, quando é frio aí, é muito frio ou não?

Angela: Então, já foi muito mais frio. Em anos anteriores, décadas atrás, a gente tinha episódios de neve na região parisiense, coisa que hoje já não tem havido. No máximo, a gente vai ter um gelinho que vai fazer todo mundo escorregar na rua, entendeu? Não vai ficar aquela massa de neve fofa que a gente consegue pisar, enfiar o pé, que a gente vê nos altos, que a gente vê nas montanhas, em lugares mais altos. Mas está cada vez, as temperaturas não estão caindo tanto quanto deveriam no inverno, entendeu?

Analice: Certo, entendi. E diante desses extremos climáticos, como você observa a resposta da sociedade francesa a um senso de urgência ou ainda a resistência em aceitar essa situação?

Angela: Eu acho que tem um pouco dos dois. Principalmente pensando em pessoas mais velhas, é ridículo falar assim e é difícil também generalizar, mas de forma geral, as gerações mais velhas já estão acomodadas, estão cansadas dessa conversa de sustentabilidade, que vai acabar a água, eles não querem saber dessa conversa. Apesar de eles serem muito lúcidos nesse sentido, eles são os primeiros a usarem bicicleta, transporte público, não usarem o carro, por exemplo, usar o trem. Eu tenho um exemplo muito interessante, que é o como é que seria o nome em português? Eu vou tentar lembrar, o afresco do clima. Então, são pessoas voluntárias que foram formadas para ensinar isso para as outras. Então, essas pessoas, eu já participei de um, então fala como é que é tudo que a gente consome e tudo que isso representa de lixo para o planeta. Então, eles pensam assim, eu vou economizar o meu lixo carbônico, não sei, acho que é esse o termo em português, esqueci, para fazer uma viagem do outro lado do mundo, sei lá, para o

Japão, da França para o Japão, da França para o Brasil, eu vou fazer uma na minha vida e vou deixar a segunda, talvez, para o meu filho, para a geração seguinte. Então, por exemplo, esse é um exemplo. Então, eu acho que quanto mais novas as pessoas, mais elas têm essa noção da reciclagem. Eu sempre conheci a região parisiense com baques coletores, aqui ninguém coloca todo o lixo no lixo só, não existe lixo comum, é um lixo que é o resto de comida, é coisa que não dá para reciclar. Todo mundo tem reciclagem na porta do prédio ou na frente de casa. Então, desde que eu conheço a França, que eu vivo na França em 2009, eu sempre separei o lixo, coisa que eu vejo em poucas cidades brasileiras, por exemplo. Quando eu cheguei aqui na França, uma coisa interessante também foi queime o seu carro para manter a linha. Então, se a gente comparar os dados do Brasil ou de algumas cidades brasileiras, Ribeirão Preto, que eu sei, até outro dia, não sei se mudou, a gente tem 1,8 carros por habitante só na cidade de Ribeirão Preto. Aqui na França, todo mundo usa transporte público só dentro da França, na região parisiense. Mas as maiores cidades, todo mundo usa transporte público, todo lugar tem metrô, tem bonde, tem ônibus que funciona, o próprio TGV, que é o trem de grande velocidade, o Bala, que liga cidades longínquas, por exemplo, a gente faz viagens de 300 quilômetros e mora em meia entre as principais cidades. Vai de Paris para Bordeaux, que são quase 800 quilômetros em 3 horas.

Analice: Meu Deus!

Angela: Lógico, tem, mais uma vez, low cost de aviões e muitas pessoas não se incomodam em pegar o avião, mas muitas eu vejo que têm essa consciência. Está muito popularizado pegar um voo de uma capital europeia para outra, ou de uma cidade no norte ou sul da França, que são 900 quilômetros, e tem muitas pessoas que levam isso em consideração, vai pagar 50 euros relativamente e é acessível.

Mas a pessoa fala, nossa, vou poluir muito, vou pensar de uma outra forma, como é que eu poderia fazer, aplicativos que a gente divide, foi quatro pessoas num carro só, eu vou com o meu carro e coloco lá no aplicativo, que eu estou vendo, sei, no Brasil acho que tem alguns assim, então eu coloco lá dentro falando que eu, Ângela, dia tal, tal hora eu vou sair da região parisiense para o sul da França e tenho mais três vagas no meu carro. Tem muito essa consciência, tem milhares de exemplos, hoje, coincidentemente, uma conhecida minha que é completamente “green”, completamente sustentável, me mandou um link e falou, Ângela, entra aí, vai começar um desafio ecológico nas próximas três semanas. Então, hoje eu desliguei todos os aparelhos da casa da tomada, hoje eu dei descarga uma vez só, hoje eu reciclei tantas coisas, tem centenas de opções, então eu acho que tem uma consciência muito grande nesse sentido e a resistência, mas a lei, né, nível da Comunidade Europeia, ela só está caminhando nesse

sentido, então, acho que sim, por alguns têm um lado alarmista, por outros as pessoas estão agindo já e muitos poucos não estão nem aí, mas são poucos.

Analice: E você percebe que a mídia francesa cobre de maneira eficaz esses eventos climáticos que acontecem aí, suas consequências e como é feita essa abordagem?

Angela: Eu sinto que sim, Analice, de forma geral, eu sinto que sim, tem havido vira e mexe, tem havido algumas catástrofes naturais de rios que transbordam em determinadas comunidades das quais a gente nunca ouviu falar, que ficam no sul da França, no noroeste da França, no meio da França, barragens que estouram, que levam casas e sempre tem switch, aparece no dia do fenômeno, no dia do desastre, eles vão lá cobrir, falam daquilo, cobram, de certa forma é uma pressão para o Estado, para os governos e continuam falando, já tem catástrofe que aconteceu há cinco anos atrás e vira e mexe, eles retomam esse assunto, olha lá, voltam com os mesmos personagens, inclusive, vão entrevistar uma mesma pessoa que, por exemplo, tem seguros que já não estão cobrindo, não cobre mais nada de catástrofe natural, então gente que perdeu o que era casa, gente que perdeu o que era o comércio dele e que aquele estabelecimento comercial ainda está lá, olha, não reabri minha loja porque o seguro não vai pagar, porque depende, e a imprensa não está deixando passar, eu não conheço todos os casos, não parei para analisar tudo, nem acompanhei como mera consumidora de notícia, mas lógico, sempre com o olhar de quem faz a notícia e eu sinto que há uma ênfase sim.

Analice: E como cidadã e jornalista, você sente que há um papel importante na comunicação sobre os impactos climáticos na França?

Angela: Eu acho que sim, e pensando nisso, o aspecto climático de forma global ou pensando só no território francês?

Analice: Seria mais no território francês.

Angela: E eu sinto que sim, porque quando, por exemplo, tem alguns quadros, alguns jornais que sempre vai ter muita, muita reportagem, muita reportagem que fala disso, de pessoas inovadoras, que estão, o sustentável mais uma vez que vem atuando, o próprio Jogos Olímpicos puxou muito por isso, o município de Paris força muito isso, de ruas que já foram fechadas, que agora estão querendo deixar só a área pedestre, a área de calçadas na zona central de Paris, fazendo cada vez mais com que as pessoas deixem o carro em casa, que usem o metrô, que vão a pé, bicicletas voltaram. Hoje em dia tem um monte de ciclovias dentro de Paris, na grande Paris, as cidades, os municípios menores em volta de Paris estão diminuindo locais para onde circula carro e estão abrindo mais para pedestres, ciclistas, patinetes, então todas essas políticas eu acho que acabam tendo essa ênfase importante.

Analice: Sim, certo. E aproveitando, falando sobre os Jogos Olímpicos, os Jogos Olímpicos de Paris de 2024 tiveram diversos problemas, como treinos cancelados, provas adiadas e atletas com problemas de saúde após nadar no rio Sena. Após o ano passado, não chegou mais notícias, pelo menos aqui no Brasil, de como está a atual situação desse rio. Você sabe me dizer como ele está atualmente e quais medidas o poder público francês está tomando para melhorar essa situação do rio Sena?

Angela: Olha, Analice, eu não tenho os dados técnicos da situação da água, mas a informação que eu tenho é que a partir de 5 de julho, quando começa a temporada de verão aqui, vão ter pelo menos 4 pontos do rio Sena, em pleno Paris, onde a gente vai poder ir nadar. Então essas são todas fazem parte muito da gestão atual do município de Paris, que está focando muito nesse ponto. A própria prefeita foi nadar, para dar o exemplo, junto com vereadores e equipe de secretários, etc, e jornalistas e outras pessoas. Então, todo ano, em volta do rio Sena, eles fazem o que eles chamam de Paris Plage, que é a praia de Paris. Eles colocam areia, colocam umas palmeiras, colocam lá umas cadeiras para o pessoal aproveitar, promovem eventos, jogos, e é super simpático. E esse ano, após 100 anos, vai estar aberto para qualquer um nadar. No passado foram só os atletas, esse ano nós vamos. Eu vou ver se eu crio coragem. Eu crio coragem por causa da água fria. Em questão de poluição, sinceramente, eu não sinto mal cheiro do rio. Lógico que deve ter esgoto lá dentro, porque tem um sistema de esgoto muito interessante, que data do fim do século XIX, não sei se a gente terá tempo de abordar isso aqui, que é uma coisa muito interessante, que já entrava, Paris já estava sendo reconstruída no fim do século XIX, Napoleão III, que contratou o ex-prefeito da época, que era o Baron de Haussmann, já refez a cidade pensando nisso tudo. E a gente tem um museu de esgoto hoje que fica paralelo ao Rio Sena, onde qualquer um pode visitar. É super lúdico, super didático para as crianças. Já levei meu filho, recomendo para alguns que querem entender. Explica toda essa vazão, a possibilidade de enchentes da água fluvial, entrar em contato com a água fluvial e poluir. E acho que tudo dá para crer que a gente pode nadar sem morrer de problema de saúde. A própria imprensa francesa, ano passado, nos Jogos Olímpicos, falou de um atleta que terá passado mal e que não terá sido provado que tenha alguma coisa em relação com a água contaminada. O próprio organismo que fazia os testes da água todos os dias antes dos Jogos, que seria o equivalente à nossa CETESB no estado de São Paulo, sempre deu resultados apropriados para banho. Mas eu não sou nenhuma cientista, só sou uma mera curiosa se eu for nadar lá, eu te aviso e te falo. Mas eu acho que preciso criar coragem, porque eu sinto frio.

Analice: Perfeito, então. E em sua opinião, as mudanças climáticas estão afetando destinos turísticos no país e na Europa? Ou você acha que isso não tem influenciado?

Angela: Por enquanto, acho que não, Analice. Talvez em lugares onde a praia possa vir a afetar. No norte da França, a gente tem o Canal da Mancha, que dá de frente para a Inglaterra. No oeste da França, a gente tem toda a maior costa que tem, o Brasil, que é o litoral atlântico, e o Mediterrâneo no sul. Mas ele vira e mexe. Mais uma vez, a imprensa mostra para a gente que o mar está chegando cada vez mais, avançando. Tem casas que não podem estar ali, hotéis que vão ter que ser desafetados, que vão ter que sair dali, porque progressivamente esses locais... O mar está subindo. O mar está subindo e esses lugares estão condenados. A gente não pode mais passear, não pode entrar por ali. Mas esses são lugares, por exemplo, onde as pessoas vão, os turistas vão uma vez por ano lá no verão. Não é Paris que a gente vai qualquer dia do ano, todos os dias do ano. Então, eu entendo que não. Dentro de Paris são quase dois mil hotéis, e a maioria desses hotéis está muito consciente da importância de ter ar-condicionado, por exemplo, para receber o turista no calor. Principalmente o turista que mais vem para Paris, de forma geral, é o turista americano. O turista americano quer ar-condicionado mesmo no inverno. A clientela brasileira, que também gosta muito de ar-condicionado, é a sétima ou oitava que mais viaja para a França, pensando em todas do mundo. Então, os hoteleiros estão muito atentos a isso e estão fazendo de tudo para deixar o mais confortável possível.

Analice: Sim, e sobre as notícias que vêm do Brasil para a França, você vê muitas notícias sobre questões climáticas e ambientais daqui, ou você acha que não chega a ir na França?

Angela: Tem muita informação, muita informação, inclusive falando da Amazônia. Passa uma quinzena que eu não vejo uma reportagem, uma grande reportagem de algum jornalista francês, de alguma equipe francesa. Inclusive tem no Brasil correspondentes franceses que são independentes ou que trabalham para algum canal específico. E toda semana, ou cada quinzena, entra uma reportagem específica falando de um animal que entrou em extinção. Infelizmente, é muito raro ver alguma coisa positiva. É muito raro ver alguma coisa positiva. Sempre falando que a Amazônia está sendo queimada cada vez mais, que mais um animal que entrou em extinção, ou fazendo muita crítica ao governo X ou Y, que não estão tomando as medidas necessárias para manter o pulmão do mundo, que seria a Amazônia. E infelizmente são geralmente de uma forma. Eu acho que é interessante isso. No Brasil a gente tem o canal Arte, a gente tem esse canal Arte, que é um canal franco-alemão. E todas as reportagens que eles fazem, sempre fazem grandes reportagens. De forma geral, elas são muito bem tratadas. Eles tratam os assuntos todos com muita sensibilidade e com muita transparência. Por mais que seja

uma notícia, uma informação negativa, de reflorestamento, de animal em extinção, eles sempre tentam ouvir todos os lados e tratar a notícia da forma como ela deve ser tratada, sem tomar partido nenhum.

Analice: Certo. Então as notícias que chegam aí são abordadas mais pela imprensa francesa mesmo, não chega nada de jornalistas brasileiros, veículos de comunicação daqui?

Angela: Jamais. Jamais. Jamais. Como no Brasil, o francês sempre quer ouvir tudo falado na língua deles. Então, o que eles fariam seria entrevistar um brasileiro, um fazendeiro X e alguém da FUNAI, por exemplo. E aí sempre vai ter uma narração por cima do que está sendo falado, que não é nem uma tradução, é uma interpretação. Mas nunca tem informação, nunca tem. Tudo que a gente tem na imprensa é para o público francês, produzido pela imprensa francesa. Se a gente quiser, eu quero ver tudo com todos os olhares, então eu tenho que sempre entrar em sites de canais diferentes, de acordo com o país que eu queira ler ou ver a notícia.

Analice: Certo, Então foi isso, Ângela, muito obrigada pela sua participação.

Angela: Eu que agradeço, Analice, espero que tenha contribuído de alguma forma. Parabéns e felicidades aí, muito sucesso na sequência da faculdade e da formatura em breve.

Analice: Muito obrigada. E espero que tenham gostado do episódio de hoje. Muito obrigada e até a próxima.

9. Decupagem da entrevista com Joel Silva:

Analice: Olá! Seja bem-vindo ao Podcast Comunicação Climática, que traz notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas em todo o mundo. No episódio de hoje, recebemos o fotojornalista independente Joel Silva, que já realizou diversos trabalhos fora do Brasil, como na Guerra da Síria, revolta da Primavera Árabe e o massacre no Cairo, capital do Egito. Seus trabalhos já foram publicados nos principais jornais do mundo. Como The New York Times, Washington Post, Le Monde, e El País, The Independent e nas revistas americanas Time e Life. Olá, Joel. Muito obrigada por ter aceitado o nosso convite.

Joel: Imagina, o prazer é meu.

Analice: Joel, Eu vi que você já realizou diversos trabalhos, coberturas sobre questões ambientais, como na agência de notícias Reuters, sobre os incêndios que ocorreram em Ribeirão Preto. E também em outros veículos, sobre a seca da represa do Rio Grande, em Guaraci, na divisa de São Paulo, com Minas Gerais, por exemplo. O que te incentivou a cobrir esses eventos climáticos e como foi, realizá-los?

Joel: Bom, acho que o jornalismo, todo mundo que trabalha com jornalismo, com fotojornalismo, ele sempre está observando a sociedade, o mundo à sua volta. Eu comecei, na minha profissão, durante muito tempo, eu cobri conflitos. E aí, quando, de 2018 para cá, mais ou menos, eu comecei a observar as questões climáticas. Então, isso é o que puxa o olhar do fotógrafo, é o que puxa o que está acontecendo à sua volta. E aí, em 2021... Começaram a ter as crises hídricas ao longo do Rio Grande, na divisa de São Paulo, com Minas Gerais. As grandes represas começaram a secar. E aí, é óbvio, Eu, como Fortunaresco, comecei a viajar para essas represas e documentar essas represas. É sempre muito desafiador, porque... Você olha uma represa com um tamanho gigante, com furnas, e de chegar ali quase nível de rio, É um desafio muito grande pra gente, como fotógrafo. Aí eu uso um outro equipamento, que não é só a câmera fotográfica, é o drone, que ajuda muito na percepção dessa seca, na percepção dessa tragédia climática. E o drone você faz de cima, então você consegue ter essa percepção de como a represa secou. Então, basicamente, O material era um... Situações em que a represa estava a quilômetros de distância da Marina, de uma cidade. Meu, Deus! E tudo trincado, tudo seco, enfim. Então, O que incentiva o fotógrafo é sempre ir atrás do que está acontecendo na sociedade. Eu troquei um pouco essa cobertura mais tensa, que é conflitos e tudo, e passei a me preocupar. E também a trabalhar nas questões climáticas, porque eu também sinto uma necessidade de que a sociedade precisa entender o que está acontecendo. As pessoas veem aquela tempestade de poeira no céu, uma, duas vezes, mas elas não percebem que aquilo tem um porquê, porque aquilo está começando a acontecer. E cabe ao jornalismo trazer isso à tona, trazer isso, mostrar isso.

Analice: Sim. Nesse caso, você também chegou a cobrir, no ano passado, aquela questão dos incêndios de Ribeirão. E como foi cobrir isso?

Joel: Não é muito diferente de conflito pelo seguinte, porque é muito perigoso, né? Porque você está no meio do incêndio e aquilo pode virar, como aconteceu algumas vezes. Estava no meio do incêndio e o incêndio virou e veio para a nossa direção. Mas aquele trabalho eu fiz especificamente para a Reuters. E também, no meio do trabalho, Um dia eu não estava trabalhando, A folha me chamou para fazer um trabalho para eles, exclusivamente também, no domingo. É assustador, até para quem está acostumado com a gente, com o fotojornalismo e tal. Estou acostumado com queimadas, porque eu trabalhei aqui na região de Ribeirão Preto. E você vê a dimensão daquilo, e aquilo perdendo a dimensão daquilo, perdendo um pouco o controle, né? Sim. Os órgãos governamentais estavam perdendo... Perderam o controle, e aí se alastrou pelo Brasil inteiro. Aquilo sempre é um trabalho desafiador, porque você precisa estar

no local onde está acontecendo. aquilo, Ao mesmo tempo, se resguardando para não se machucar, não sofrer nenhum tipo de dano, e, ao mesmo tempo, levar isso para o mundo, Tanto que o material da Reuters rodou o mundo inteiro. A Reuters elegeu duas fotos minhas das queimadas aqui, como as melhores fotos do ano no mundo. Eu não acho isso o que é, mas eu falo por conta do tamanho da tragédia, que foi isso, né?

Analice: Sim. E tem algum evento climático que você chegou a cobrir, que você acha que foi o mais impactante pra você?

Joel: Os incêndios, né? Porque tomou uma proporção e um descontrole dos órgãos que deveriam estar cuidando, né? E aí, quando você percebe que a coisa saiu do controle, não tem, né? O Estado não tem mais o controle daquela situação, é preocupante. Então, eu acho que eu elejo os incêndios do ano passado como uma das... E é, vou te falar, recentemente, essas coberturas climáticas. Porque só agora nós estamos percebendo o quão nós afetamos a natureza. Então, assim, o ano termina em 2021. Eu fiz a seca no Rio Grande, no ano passado, eu fiz os incêndios. Então, assim, a gente nunca sabe o que vai acontecer esse ano ou o ano que vem. O que eu assim, tempestade de areia e de terra, né? Aqui em Ribeirão, é onde o clima vai afetar a gente? Os furacões nos Estados Unidos agora destruíram lá, Tudo em fora, é, de época de furacão, é, nevasca na Europa, A gente, eu acho que, Eu acho que essa é um, É o grande desafio. Tentar fazer a conexão de tudo isso que tá acontecendo, Pra que a pessoa que tá aqui em Ribeirão Preto, o que está em Serrana, o que está aqui em São Paulo. Entenda o que é essa crise climática, né?

Analice: Sim. E quando você foi fazer essas coberturas, chegou a, assim, Você teve que ir até o local, né? Presenciar tudo aquilo e sentir aquela fumaça, aquele cheiro. Chegou a impactar, assim, sua saúde física?

Joel: Não, não. Sim, você tem ali um problema de garganta. Você tem... Porque é um período muito seco. Então, você tem problema de sinusite, você tem problema de alergia. É tudo, é, não é, é, costume falar, não é diferente de uma cobertura de conflito, mas ela é talvez até um pouco pior, porque é um inimigo que te atinge invisível. Sim. O inimigo da guerra, você está olhando ele com fuzil, então você consegue evitar de ir pra um lugar que é perigoso. Nesse caso, não, você respira, Eu passei, depois que eu terminei as coberturas, que os incêndios deram uma acalmada, Eu tive que ir pro hospital, fazer uma... Fazer uma consulta, porque estava com o pulmão cheio de poeira, de fumaça.

Analice: Meu, Deus!

Joel: Foram dois dias tomando medicação, e aí, enfim, nebulização, tomando, enfim, um umidificador em casa, para abaixar a umidade da casa, enfim, a gente toma alguns cuidados. Mas é um inimigo, que afeta a gente, né? A gente acha que não, eu estou ali respirando fumaça. A fumaça quente, inclusive, está muito próximo do incêndio. A fumaça de carro queimado, fumaça de pneu queimado. O fotógrafo, as pessoas. Acho que não têm muita noção disso. Acho que é uma pergunta que você fez que é pertinente. Muitas vezes, a gente coloca a vida em risco para que a informação chegue até as pessoas. E no incêndio não é diferente. Quando você está numa guerra, você está lá correndo risco de vida para que a informação sobre o que está acontecendo em Gaza chegue até você. No incêndio, na crise climática, No caso das represas secas, nem tanto. Por isso que eu elejo o incêndio do ano passado como um dos piores eventos para o fotojornalismo, para o jornalismo em geral, porque assim, Ele tem um inimigo invisível, que é a poeira, a fumaça, a cinza, Aquelas partículas vão todas para o seu pulmão. E aí, depois que você terminou, e nos dias em que já estava, você vai para o hospital, limpar o seu pulmão. Eu não fumo nem nada, Estou ali com... Tossindo muito, então afetou sim.

Analice: É, tem um grande risco, né? Pra nós que estamos em casa, já percebe, Já acontece tudo aquilo de não conseguir nem respirar dentro de casa. Imagina vocês que tem que ir até lá no local, né? Fazer essas coberturas.

Joel: Eu acho que é isso que as pessoas precisam prestar atenção. A informação é desperdiçada. E ela é cara, né? Informação é cara. As pessoas precisam entender isso. Alguém está ali colocando a vida em risco para trazer a informação para ela. E as pessoas que sentiram os incêndios, aliás, teve incêndio que chegou muito próximo de condomínios. aqui, e aí as pessoas chorando e tal, apavoradas. Imagina a gente que tem que estar ali no meio o tempo inteiro, né, correndo, porque você pode ser cercado pelo incêndio, né, você pode ser um incêndio de grande proporção, Você tá num ambiente, O fogo se alastra pra um lado e vem pro seu sentido, Você não tem pra onde fugir, né.

Analice: Exato. Então, é, e a questão saúde, né. Sim. E assim, além dessas marcas, né, na sua saúde, Você sentiu algum sentimento, assim, como medo, exaustão, angústia. Ao registrar esse tipo de evento?

Joel: Não, medo, não, porque a gente não tem juízo, né? Eu tenho uma frase minha no meu documentário que eu falo assim, o fotógrafo não tem medo de pisar numa bomba ou ser atingido por um... Ele quer chegar mais próximo da notícia, Esse é fato. Mas o que me causou foi uma profunda reflexão sobre que caminho nós estamos tomando, que mundo nós estamos deixando, porque a gente vê isso muito de perto. Então, o foto jornalista, o jornalista... Ele enxerga a

tragédia muito próxima. E aí a minha reflexão, e eu acho que a dos colegas, todos que quando olham uma situação dessa, é pensar no futuro. Que mundo nós estamos, para que lado nós estamos caminhando no mundo, né? Então, essa é uma das questões que mais me provocou reflexões, assim, de pensar sobre o futuro, né? Meu filho, minha filha, que mundo que eles vão ter, Se nós estamos acabando com o mundo, se o mundo vai, né? Algumas coisas são exageradas. Mas, ah, passou, não tem mais queimada, as pessoas esquecem. E nós vamos entrar no período seco, Já entramos no período mais seco do ano, e aí já começaram a ter algumas queimadas, Tudo bem que são queimadas de cana, enfim, Mas a gente não sabe qual é a reação da natureza. Na próxima virada de estação, entendeu? Do outono para o inverno, do inverno para o período de chuva. Tivemos muitos alagamentos, muitos rios transbordando, tivemos lá no sul, essa questão toda do sul, As pessoas não fazem essa conexão, né? Que o incêndio também provoca o alagamento, que, enfim, Temos o Ninho atuando, lá, Ninho atuando, A nossa função é essa, né? Agora, a minha maior reflexão, o meu maior... O medo é pensar em que caminho nós estamos indo, como sociedade, como planeta.

Analice: Sim. E qual é o papel da imagem na sensibilização sobre as mudanças climáticas do fotojornalismo?

Joel: Eu acho que ele é importantíssimo na questão que ele materializa a tragédia, o fotojornalismo, o vídeo, a foto. Por que eu estou contando isso? Porque, no meio da cobertura dos incêndios, eu descobri que tinha um assentamento sem terra, que foi atingido pelo fogo. Assentamento, não era uma ocupação, não. E várias pessoas perderam suas casas queimadas. É exatamente o que aconteceu nos Estados Unidos. Várias casas queimadas naqueles grandes incêndios nos Estados Unidos, porque as casas são de madeira. E lá aconteceu isso. Então, o que eu fiz? Eu corri para... Depois de Dumont, como é que chama? Pradópolis. Encontrei esses moradores e aí tem uma foto. A folha deu ela na capa gigantesca e deu ela no site, também gigantesca, que é um morador sentado nos móveis queimados. E a casa, não tem mais casa, só restaram geladeira queimada, armário queimado, cama queimada e ele, sentado ali. E aí eu coloquei o drone bem em cima dele e fiz uma imagem da área da casa dele toda destruída. E ele, no meio, sentado, com os móveis queimados. Eu acho que essa é a importância do fotojornalismo, Materializar a tragédia, As pessoas entenderem realmente o que aconteceu, verem de fato o que está acontecendo, e é um desafio grande.

Analice: E, na sua visão, o que mudou nos últimos anos em relação à frequência ou intensidade dos eventos climáticos que você cobre?

Joel: Tem aumentado, na verdade, né? Pensa que em 2021, houve uma grande seca no Brasil e as previsões que esse ano a seca volte a acontecer de novo. Porque a incidência de chuva está diminuindo e isso é uma coisa imperceptível. As pessoas não percebem, mas as incidências de chuva estão cada vez menores. Então, Os reservatórios não estão mais enchendo, como enchiam nos verões. E isso, num ano, sim, num ano não, vai ter uma seca mais severa. Então, eu percebo que, na verdade, Eu comecei a olhar para isso em 2021, por conta das secas. E aí, é que só quem tem uma análise mais do tempo disso vai conseguir perceber. Se eu olhar 2021, tivemos uma grande seca, aí 2000... Em 2022, Preciso pesquisar, Mas tivemos uma grande tempestade de terra em setembro, Eu estava indo fazer uma cobertura em Barretos, Me deparei com essa tempestade de terra, que é aquela questão que você tem a Terra toda arada, então não tem nenhuma mata, então não protege, enfim. E tivemos um período de seca muito forte, mas não de até afetar a água, Mas afeta a saúde pública, começa a ter incidência de crises de gripe. De H1N1, por conta da seca, As pessoas não têm essa correlação, né? E aí, em 2023, 2024, Tivemos esses grandes incêndios. E agora, assim, cada vez, todo ano, Eu tenho sempre uma percepção de que eu vou ter que trabalhar em alguma cobertura mais tensa de crise climática. Tanto que hoje eu faço mais esse tipo de cobertura, né? Eu faço coberturas cotidianas, de pautas cotidianas, mas muitas coisas você percebe a ligação. Com a crise climática. Questões de saúde pública, saúde de gripe, a dengue. E cada vez mais, A intensidade de chuvas estão menores. Isso aí está em todos os jornais. Se você olhar a folha e pesquisar lá, você vai perceber que as chuvas estão cada vez menos intensas. E tem uma outra coisa que as pessoas também não sabem, mas os corredores, Nós temos corredores de nuvens no céu, que se chamam estradas de chuva. Que sai dos corredores da Amazônia, desce aqui para o Sudeste, para o Sul, para o Sudeste. E esses corredores estão mudando de rota. Então, se você perceber, O Nordeste está recebendo mais chuva esse ano do que o Sudeste. Entendeu? Sim. Porque ele teve uma alteração de rota, porque o incêndio lá afetou, enfim, Aí tem umas questões científicas, mas assim, Os corredores de chuva mudaram um pouco a rota.

Analice: Isso por conta das mudanças climáticas?

Joel: Por conta das mudanças climáticas, você vê que teve seca no Amazonas e agora o Amazonas está cheio, está evaporando, mas tem todas as questões científicas que mostram que estão mudando. A mudança climática não é assim, ah, porque pegou fogo. Não. Está mudando também a maneira como a chuva desce para o sul, que sai do Norte e vem para o sul. Ela não desce mais, ela não vem despejar aqui no Sudeste ou no sul. Ela despeja lá, está despejando. Já no Cinturão do Nordeste, aqui do, Como é que chama o termo, O agreste Pernambucano, ali,

enfim. E tem uma outra coisa, Ana, que eu, ah, teve uma outra coisa que eu fiz em 2022, que são a desertificação. Ah, sim. O Brasil tem o primeiro deserto oficial, que é em Gilboés. É uma cidade no Piauí. É um deserto. Eu subi o drone lá, você olha, São quilômetros de Dunas de terra. Tem lá uma vegetação, mas é vegetação morta, árvore seca e tal, Mas são 1.500 quilômetros quadrados de desertificação. Provocados pela mão humana. Não é uma desertificação natural. Isso quem fala, Isso é o doutor Humberto Barbosa, que ele é o diretor do LAPS, Laboratório de Análises Aeroespaciais de Imagens de Satélites. E ele é da FALC, a Faculdade Federal de Alagoas. E ele tem uma página no LinkedIn dele, e eu já entrevistei ele com uma outra matéria. E ele falou, olha, Nós temos um deserto no Brasil. Falei, é mesmo? Aí eu peguei meu Fusca, meu, andou de Fusca, e fui para o deserto para documentar. Então, em 2022, Parece que eu fui para lá. Em 2023. E as pessoas não sabem. Você não sabia. Se você falar, o Brasil tem um deserto, é perto do Jalapão. O Jalapão já é, mas o jalapão é natural. Em Jiboé, essa cidade, é uma desertificação artificial, foi feita pelo homem. É que não tem as imagens, Mas se eu soubesse, tinha trazido. Mas se colocar, Gilboé, as imagens, Vocês vão ver o que... Aí uma agência foi para lá e fez também. Depois que eu fiz, teve uma outra agência estrangeira que foi lá produzir. Então, assim, Nós não sabemos disso. Sim. Entendeu? As coisas estão acontecendo muito aqui e ali, e aí a gente não junta isso. Então, por exemplo, se você tem queimadas no Sudeste, no Brasil inteiro, na verdade, Temos chuvas no Sul. Olha, se você começar... A chuva foi um pouco antes das queimadas. Nós tivemos... Temos a desertificação, temos essa mudança de rota de rios voadores, que se chamam, né? Que não estava descendo com toda essa intensidade, como descia antigamente. Então, a mudança, ela está contínua. E, cada vez mais, ela está sendo mais... Mais agravada, digamos assim. Porque nós não estamos cuidando, nós não estamos evitando que... Isso não aconteça mais, né?

Analice: Sim, é verdade. E, Joel, assim, de forma geral, O que falta na cobertura jornalística de desastres climáticos, na sua opinião?

Joel: O que falta? Na verdade, assim, os grandes veículos, Eles não estão apostando mais nas coberturas, porque isso demanda uma cobertura profunda. Os veículos de comunicação, Eles estão com um orçamento muito restrito. Então, antigamente, A Folha tem um fotógrafo chamado Lalo de Almeida, que é um cara que vivia quase que na Amazônia. A Folha postava. Só que, cada vez mais, Não é um assunto que as pessoas têm uma demanda de leitura. Então, as pessoas não querem ler sobre isso. E aí, e hoje é isso, né? A internet, Ela está tirando muito a leitura dos veículos de comunicação. Tem toda essa questão aí. O que eu acho que precisa é um apoio, talvez até estatal, para essas coberturas. Mas o Estado não quer, ninguém quer, então

a folha ainda tem, Alguns veículos ainda forçam na cobertura, Mas quando eu digo forçam, O que eu quero dizer é o seguinte. Demanda muito investimento você ter um repórter, um fotógrafo e dinheiro para você deslocar essa equipe para uma região como a Amazônia. Sim. Para uma região como o Nordeste. Tem um custo, isso. Antigamente, nós tínhamos essa... Era mais... Agora, com o orçamento muito restrito dos jornais, dos veículos de comunicação, Eles vão cortando esse tipo de cobertura. Nossa. E aí cabe o jornalismo independente, como eu. Eu tenho um carro, vou lá, faço, Mas aí torna-se a cobertura muito pontual. Ele cobriu o incêndio, acabou o incêndio, não tem mais cobertura, Não acontece mais nada no clima. Não, está acontecendo. É o problema que a gente para de falar. Sim. Então, porque eu não tenho dinheiro para eu ir lá. Fazer uma cobertura, porque demanda uma profundidade de investigação, por exemplo, Falar com um pesquisador. Entender porque esse Rio voador mudou de rota, Tem todo um tempo de apuração que os veículos hoje não tem para investir.

Analice: E o que poderia ser melhor nesse tipo de cobertura, nos veículos de comunicação em geral, TV, rádio?

Joel: Poderia ser melhor, como assim?

Analice: Melhorar esse tipo de cobertura.

Joel: Investimento. Só investimento. Porque os veículos têm mão de obra especializada, eles têm equipes preparadas, equipes muito... O que falta é investimento. Aí precisaria, eu não sei, eu falei isso, Mas precisaria achar recursos ou alguma maneira de esse tipo de trabalho ser patrocinado. Mas ninguém patrocina esse tipo de trabalho. Vai patrocinar se você fizer uma cobertura boa sobre a plantação de chá ou de... De Eva lá na Santa Maria, no Sul. Aí as empresas patrocinam, mas ninguém quer patrocinar. Notícia ruim. Então, eu acho que precisaria ter um incentivo estatal, de lei de incentivo, para aplicação de coberturas em zonas de crise climática. Porque só assim você consegue manter uma equipe focada nesse tipo de cobertura. Eu tenho aqui... Três pessoas e um fotógrafo que estão sempre... Porque aí você colocar isso mais vezes na mídia, mais vezes no seu portal, mais vezes na TV, mais vezes... As TVs fazem... Não estou dizendo que isso não existe, tá? Isso existe. TVs e jornais ainda bancam muitas coberturas. Mas isso vai sumindo cada vez mais no noticiário, porque a demanda de investimento é maior. E aí é óbvio que eles vão fazer pontualmente algumas coberturas. Sim. pontualmente, ah, está tendo incêndio lá no interior de São Paulo, liga para o Joel, Ele vai cobrir para a gente lá, paga lá um frila e é ponto, o fotógrafo O repórter faz lá da redação ou põe, né, Fomos para fazer os cafés que foram queimados. Contrataram o fotógrafo de Fran, um repórter, e foi comigo, passei, peguei e fui, enfim, mas é pontual. entendi, então assim, É a notícia que entra no jornal e depois

ela desaparece. Ela não fica ali. Como sempre, o jornal estava colocando, essa questão climática e tal. Vai ter a COP 22 agora, Aí o assunto volta para o jornal. Sim. Entendeu? Daí passou a COP, Some de novo o jornal. Eu acho que precisaria ser mais... Eu acho que, para o leitor, entender, para a sociedade... Para a sociedade entender, o jornal precisaria ser mais contínua, Essas informações, Essa cobertura de crise climática, tinha que ser mais contínua. Quase que semanalmente. Tem que ter coisas ali, porque é só assim que as pessoas vão começar a entender o que está acontecendo no planeta.

Analice: É, para ter uma conscientização também.

Joel: Exatamente, é. Até mesmo o rapaz jogar uma matinha de lixo no rio, Ele vai saber que, se eu fizer isso... Daqui dois meses, o Rio vai encher e vai jogar água na minha casa. Isso é um exemplo. bobo, mas assim... E colocar fogo no mato, né? Ah, vou queimar esse mato aqui. Coloca fogo, o fogo pula. A sociedade precisa ser mais conscientizada, né? E você só faz isso, mantendo muita informação, o tempo inteiro falando aquilo. E às vezes, não, A gente está fazendo muito pontual, né?

Analice: E Joel, você trabalha para várias empresas internacionais, como eles veem o Brasil nas questões climáticas?

Joel: Muita preocupação, inclusive, tanto que eles apostam as agências internacionais. A agência é diferente do jornal, então ela vende conteúdo para os jornais. O que acontece? Eles estão sempre atentos. É uma pauta, é o que a gente chama, é uma pauta recorrente. Na agência, eles estão sempre de olho. Qualquer questão climática, Só que o problema da agência, diferente do jornal, da TV, ela vive do factual. Ela não produz material de fôlego, de chama, de profundidade. Até fazem também, mas os jornais não compram porque é material produzido e aí os jornais... Então, isso não é a pauta da agência. Diferente da TV, vou usar um exemplo... A Globo, a Bandeirantes, a SPT, a Folha, O Globo, Eles podem produzir material deles, com mais reflexão, mais profundidade, questionamentos mais profundos, e publicarem nas suas páginas. E aí, sim, A agência vive mais do factual. Mas é perceptível, A gente conversa com os editores, sempre estarem atentos às questões. Mesmo factual, olha, secou ali 10 metros a represa de... De furnas? Vamos lá, entendeu? Eles bancam. Já aconteceu de eu ir na represa, ela tá com 40%, que nem é tão seca, Eu fui, entendeu? Porque, vamos ver, As agências sempre colocam isso como pauta recorrente.

Analice: Sim, e é mais assim, aqui no Brasil ou em todos os lugares do mundo inteiro?

Joel: As equipes das agências, é uma boa pergunta pelo seguinte, teve um furacão agora nos Estados Unidos essa semana. E se você começar a pesquisar as imagens de tragédias climáticas,

você vê que tem uma boa cobertura fotográfica. Quando eu digo boa, os fotógrafos estão muito em cima e muito prontos. Porque uma cobertura climática, você tem que estar pronto para ela. Pronto que eu digo o quê? Por exemplo, Quando começaram os incêndios, eu decolei o drone da minha casa. Porque eu vi uma coluna de fumaça, foi a primeira foto que saiu na capa da Folha. Uma coluna de fumaça gigantesca, assim, de fora a fora. Eu estava ali, o drone estava ali, e atento, né? Os sensores estão ligados. Aí eu olhei aquilo da janela do andar da minha casa, eu fui lá no quintal, subi o drone, fiz a foto, coloquei na agência. Daí, 10 minutos, estava na capa da Folha, no site da Folha. Então, assim, as coberturas climáticas, Elas estão muito... Tanto que o Brasil ganhou o World Press Photo com uma foto da Amanda Peralbelli, que é um alagamento que acho que ela fez no Sul. E teve um outro fotógrafo também, que acho que ganhou com um avião lá boiando na água no Sul, também. É, tem uma imagem linda, que é um avião e um mar de água, assim. Então, assim, Os fotógrafos estão muito atentos. Porque é uma orientação que as agências dão para os fotógrafos, mesmo que não são contratados. Eu não sou contratado da Reuters, mas assim, fique atento. Você está numa região que demanda uma atenção maior com a questão climática. E é óbvio que eu também quero trabalhar, né? Eu também estou atento a isso, Eu preciso colocar isso em pauta. Aí, muitas vezes nem precisam me ligar, Já estou lá, me ligo e já estou fazendo.

Analice: E, Joel, Como você vê os outros países nas questões climáticas?

Joel: Olha, eu analisando, dependendo dos governos, A gente está com um governo agora que tem uma certa preocupação, E aí, Tanto que o matamento... O desmatamento diminuiu, uma porcentagem considerável agora, saiu matéria semana passada. Mas eu não vejo, principalmente os países de primeiro mundo, Eles olham muito para nós e não olham muito para eles. Então, assim, Eles estão sentindo. Nos Estados Unidos, tem furacão, tem tornado, tem os incêndios, Os incêndios em Portugal, na Europa, enfim. Eu acho que há aí uma falta de cuidado com todos os governos, todos. Eu não consigo achar um país, talvez Canadá, mas eu vou falar uma bobagem aqui, Eu não consigo achar um país que tenha uma pauta política voltada para a crise climática. Não tem. Um ou outro que tem ali uma lei, Mas a população tem mais consciência do que os próprios... O próprio Estado. O governo, entendeu? Então, se você olha para os governos, você não vê uma mobilização política em prol dessa pauta, que é a pauta da crise climática. Não tem. Os congressos, os senados, Londres, Inglaterra, Você não vê. Sim. Porque eles lamentam, lamentam, lamentam, mas não tem uma ação mais contundente para diminuir, para acelerar. E eu te falo, Eles não têm muita floresta, mas eles queimam muito. carbono, aviação, sabe? A Europa, o gás lá é de carvão, então, enfim, Por que não mudam a

planta energética? Ah, porque o Brasil tem sol 360 dias por ano, então nós temos ali... Muitas placas solares. Mas, na Europa, Eu imagino que a pauta climática não é... A política não olha muito com isso, muito a fundo, não. **Analice:** Entendi, Joel. Bom, então é isso, Joel. Muito obrigada pela sua participação, viu? **Joel:** Obrigado. Eu, que agradeço. Sempre bom falar e sempre bom falar do nosso trabalho, né? E a importância da... Desse programa é justamente isso, né? Porque as pessoas que estão ouvindo entenderam. Olha, se eu botar fogo no meu terreno, aqui do lado, esse fogo pode vir para a minha casa, né? É isso.

Analice: Sim, exatamente. E esse foi, então, mais um episódio do podcast Comunicação Climática. Muito obrigada e até a próxima.

10. Decupagem de entrevista com Milena Maganin

Analice: Olá, seja bem-vindo ao podcast Comunicação Climática, que traz notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas em todo o mundo. No episódio de hoje, recebemos a jornalista Milena Maganin, que atuou também como consultora de marketing digital, produtora audiovisual e professora. Atualmente, ela vive em Lisboa, Portugal, onde atua como coordenadora técnica na Nestlé, gerindo plataformas para múltiplos mercados europeus. Olá, Milena, muito obrigada por ter aceitado o nosso convite.

Milena: Olá, pessoal, sempre é um prazer estar aqui, muito obrigada pelo convite.

Analice: Portugal já foi considerado o país da Europa em que as alterações climáticas tiveram o maior impacto, Segundo o vice-presidente da Agência portuguesa do Meio Ambiente, Carlos Pimenta Machado. Ele anunciou que já foram notadas diversas mudanças na falta de água, aumento da temperatura, nos incêndios, chuvas mais concentradas e longos períodos de seca. Milena, Você tem notado que essas notícias sobre alterações climáticas e os seus impactos no país têm sido mais frequentes na mídia portuguesa, ultimamente?

Milena: Tenho, sim, Analice. Infelizmente, ou felizmente, porque se cria uma consciência, né? Eu não posso dizer que aumentou ao longo do tempo. Eu estou aqui há três anos, Eu não tenho ainda tempo suficiente para dizer, olha, Não era muito noticiado antes, mas agora é. Mas sim, estamos tendo muitas ondas de calor. Secas prolongadas, muitos incêndios florestais, chuvas, Realmente chegamos a ter enchentes nos últimos meses, Enchentes que não são usuais, digamos assim, pelo volume de chuva, E essa cobertura é feita plenamente pelos jornais, pelos portais, e sim, Tenho visto com bastante frequência esse tipo de notícia.

Analice: Certo. E você sente que ainda falta mais conscientização e mais abordagem sobre o assunto nos veículos de comunicação de Portugal? Ou é uma coisa que está sempre frequente?

Milena: A cobertura é bem factual. Sempre que acontece, tem algum fato, alguma enchente, algum ano de calor, algum incêndio, Claro que a imprensa vai cobrir aquilo factualmente e pontualmente. Eu acho que há uma cobertura... Grande e frequente, Porém, isso também não significa necessariamente que há um aprofundamento do tema, uma conscientização, principalmente nos noticiários televisivos, em que realmente o tempo de tela é menor, O tempo de reportagem é menor, não dá, pela natureza mesmo da reportagem, Não há muito como aprofundar, Não chego a ver debates muito profundos na TV sobre o assunto. Há alguma abordagem nos portais da internet, como, por exemplo, o Expresso, o Público, o Observador, que são portais mais críticos, A gente chega a ver algumas matérias mais fazendo essa ligação desses fatos. Com o efeito do aquecimento global, a crise climática em si. Mas sim, eu acho que, de qualquer forma, ainda... Nunca é suficiente, né, falarmos sobre isso, Nunca é suficiente cobrir esse assunto de forma crítica, não é? A conscientizar, uma abordagem mais educativa, eu diria.

Analice: Certo. E você já consegue sentir esses impactos, né, das mudanças climáticas em Lisboa?

Milena: Sim, como eu disse, estou aqui há três anos, então não vou ter, assim, uma noção muito, né... Grande sobre as diferenças, Mas claro que nós conversamos aqui com os locais, com os portugueses, e eles já dizem que sim, A temperatura já aumentou muito. Agora, nesse último mês, Nós tivemos muitas chuvas constantes, um volume de chuva muito grande, nós tivemos enchentes, e o país, a cidade, o tõe Lisboa, não está estruturalmente preparada, E aqui é a capital, Imagino que outras cidades também não estejam. E nós tivemos, eu já anotei isso, sim, esse ano, que as... O período de chuvas já se alargou bastante e tivemos chuvas agora no começo da primavera, que não é tão comum assim, de ter esse volume de chuvas agora. Recentemente, tivemos temperaturas chegando a 40 graus. Que não é comum, para mim que vivo em Ribeirão, Eu quase nem sinto que chega, mas aqui realmente não é uma coisa que eles estão acostumados a ter, Para além de secas prolongadas também que aumentam os incêndios florestais, Há muitos incêndios florestais aqui, E houve uma cobertura muito extensa disso, inclusive neste ano, ano passado, no último verão, que agora normalmente é no verão que entra, agora, em junho, o contrário do Hemisfério norte. No. Hemisfério sul do norte. Então, há muito essa cobertura de incêndios. Então, sim, eu tenho sentido que tem aumentado, sim. Sim. **Analice:** E na questão do frio, aí, quando faz muito frio, está sendo mais frio que o comum. Ou você sente que está diminuindo?

Milena: Por acaso, depende muito do ano. No primeiro ano que eu cheguei, eu senti bastante frio, mas talvez porque era o primeiro ano que eu estava aqui, senti um pouco mais de frio, né? Mas eu senti que do segundo para o terceiro ano, esse ano não fez tanto frio. Eu achei que o frio ficou ali um pouquinho mais ameno, eu diria. O tempo ficou mais ameno, né? Eu cheguei a pegar já antes, quando cheguei, um, dois graus à madrugada, que aqui em Lisboa não é muito frio, não chega a nevar nem nada, mas esse ano não. Esse ano, o inverno se estendeu um pouquinho mais, ainda está um pouquinho frio para a época, Agora já é primavera, já é para... Tá esquentando um pouquinho mais. Hoje, nessa semana, por acaso, que tá fazendo um calorzinho, que o pessoal já começa a ir à praia. E tudo mais, com uma média de 19, 20 graus, já é calor.

Analice: Nossa, pra mim, isso é frio, ainda.

Milena: Pois é, eu ainda, quer dizer, agora eu já tô um pouco mais acostumada, mas eu ainda não consigo entrar no mar com 21 graus, por exemplo. Aliás, eu não consigo entrar nunca, porque a água realmente é muito gelada. Aqui. Mas o Sul é um pouquinho mais quente. Mas aqui em Lisboa é ainda mais gelado. E pro Norte, eu nem sei. Sim. Mas, sim, aqui já tá começando a esquentar. Hoje tá uma média de 25 por aí. Hoje, fez uma máxima de 24, 25. O pessoal já tá com muito calor. Mas demorou chegar o calor, dessa vez. Então depende muito, sim. Sim. Mas não esteve mais frio, respondendo a tua pergunta. Mas o calor, eu sinto que tem aumentado. Os picos de calor têm aumentado.

Analice: O governo português está tomando alguma medida para combater essas mudanças climáticas. Aí, em Portugal?

Milena: Olha, eu não sou especialista, né, obviamente, mas eu acompanho as notícias e acompanho algumas iniciativas que existem aqui, principalmente ligadas às diretivas da União Europeia, né, como a União Europeia, as diretrizes, As regras funcionam para o bloco todo, Então os países têm que seguir essas diretrizes, Esses planos, esses objetivos e metas de acordo com essas diretrizes. Eu sei que em 2015 teve um acordo ali em Paris e Portugal criou um plano nacional que até 2030, Eu acho, 2030, 2050, Não tenho certeza agora, teria que neutralizar as emissões de carbono, por exemplo, no país até 2030 e mantém. Manter o aquecimento global, é o aumento da temperatura até um grau e meio centígrado, que teria que ser o teto. Então, o compromisso do governo, né, o compromisso é seguir esse acordo, e, enfim, tem diversos outros planos ambientais. Que eu não vou saber mencionar aqui com certeza, né, para não encurtir no erro, Eu não vou citar nada específico, até porque eu não... Não tem esse conhecimento específico, mas existe muito investimento da União Europeia, da Comissão Europeia. Existe

um plano comum que é bastante conhecido, que é o PRR, e ele está não só na parte ambiental, mas na parte educacional também, que é o Plano de Recuperação e Resiliência, que destina muitos euros para causas de várias áreas. Então, há muitos planos, há muitas estratégias. Eu acho que aqui é um dos países referência em energias limpas, A gente tem muita energia eólica, a gente vê muita usina eólica aqui, Eu não sei o nome daquilo técnico, aqueles grandes ventiladores, Não sei se você sabe o nome disso, mas aqui há muitos, Até aqui, perto de casa há bastante, é uma parte mais alta, Então, sempre que há um morro, existe essa... Essa fonte de energia, né, energia limpa, E aqui eu sei que é referência nesse uso, né, Então, há esses planos mais complexos que vão envolver energias limpas também e envolve bastante investimento, assim, Eu sei que... Eu sei que existem esses planos.

Analice: Sim, bacana. E você sente que ainda faltam medidas ou iniciativas da população de Portugal, né, no combate, assim, a mudanças climáticas. Mas eu digo no sentido, até se você vê alguma coisa, assim, no seu dia a dia, sabe? Se eles têm alguma iniciativa, tipo, por exemplo, hoje eu conversei, né, outro dia com uma moça lá de Paris, da França. Ela disse que lá, por exemplo, eles não usam mais sacola de plástico no supermercado, sabe? Já aqui no Brasil, a gente ainda usa.

Milena: Sim, aqui já existem as sacolas plásticas, mas elas ficam ali. Na verdade, todos, eles chamam de sacos aqui, né? Todos os sacos são pagos, né? Se precisa usar um saco no supermercado, por exemplo, tem que pagar por esse saco. E aí tem vários tipos de saco. Tem aquela sacola maior, que é reutilizável, né? Aquela mais... Eu não diria uma eco bag, mas é uma sacola que é um plástico específico, biodegradável, alguma coisa assim, que ela é mais robusta, que é para você realmente utilizar várias vezes sem que ela estrague e tudo mais. Depois, tem o saco de papelão, que é melhor para reciclar, e tem ainda um outro plástico, aquele plástico da sacolinha mais comum do Brasil. mesmo, também é biodegradável, mas ainda assim é um plástico, né? Sim. Pior para... Para se reciclar. Mas sim, Já existe esse impedimento, essa primeira barreira de leve, o seu saco, senão. Se quiser carregar a sua compra, vai ter que pagar por um saco novo. Então as pessoas têm já esse hábito, Desde que eu cheguei, isso é bem comum, as pessoas levam mesmo, andam com sacos, vão aos mercados com saco, Para tudo, se usa muito esses sacos reutilizáveis. E isso eu acho que já está bem consolidado na população. Eu acho que o que falta ainda é um pouquinho de consciência em relação ao consumo, consumo no geral, descarte de resíduos. Eu acho que aqui existe, aqui você leva o seu próprio lixo, Não há uma recolha que você, por exemplo, no Brasil, Eu costumava deixar o lixo na frente do... Do condomínio, ou numa lixeira do condomínio, ou na frente de casa, e passa um lixeiro, o

caminhão de lixo, e leva. Aqui você tem que levar, você é obrigado, Se não há multas e tudo mais, você não pode deixar o lixo na frente da sua casa. Você tem as lixeiras já específicas com cada tipo de lixo, bem sinalizadas, e as pessoas já colocam cada lixo no seu lugar. Isso também já totalmente institucionalizado, E você tem que levar teu lixo lá em cada uma dessas... Dessas lixeiras específicas, Depois passa, Cada caminhão passa e pega nessas lixeiras. Então, sempre tem pontos, Não há outras lixeiras possíveis. A não ser lixeiras muito pequenas, né, mas pra lixos maiores já tem esse tipo de lixeira, Então a população tá sempre, Você vê as pessoas levando o lixo já separadinho e tudo mais, mas, é claro, né, ainda sempre precisa de conscientização pra pôr o lixo. Certo no lugar. certo, Separar direito e tal. Não... Sei dizer, não posso dizer que todos estão conscientes sobre isso, mas há mecanismos na cidade, A cidade é preparada para que exista esse tipo de separação. E tudo mais, né. E eu acho que outro tipo de conscientização também é a utilização de transporte, né, transporte público. Aqui, o transporte funciona muito bem, Apesar de claro, Hoje eu ver que ainda precisam muitas melhorias e a população sempre cobra e, enfim, reclama, né, dos... Do que falta e tudo mais, mas ainda em relação ao Brasil, ao Ribeirão, Aqui o transporte funciona muito bem, por exemplo, Lisboa é bem menor que Ribeirão, em termos de território, e mesmo de população, a maior população de Lisboa central, Eu acho que equivale à população de Ribeirão. E aqui há metrô para todo lado, há uma linha de ônibus muito extensa, enfim, tem... Patinetes para alugar, tem, enfim, bicicletas que você pode alugar para andar pela cidade de um ponto a outro. E é gratuito para morador de Lisboa, por exemplo, Você só se cadastra lá e você tem disponível essa possibilidade de pegar uma bicicleta e se locomover de um ponto. E são bicicletas elétricas, tá? Que elas são, você, Ela tem um auxílio elétrico, né? Você ainda pedala, mas ela te dá um impulso ali, você precisa subir. Mas elas ficam carregando nesses pontos de recarga, Então você pode sempre ir de um ponto a outro, e utilizar elas gratuitamente, se você é morador. Então, existem muitos incentivos, mas ainda assim, a gente vê muito trânsito, muito carro, né, Para alguns locais, ainda falta um pouquinho de uma estrutura para deixar mais cômodo, ainda. Eu acho que já funciona bem, Eu vejo muita gente usando o metrô, eu mesma tenho carro, mas uso o metrô também, mas também uso ônibus, Os ônibus aqui são movidos a gás em Lisboa, os ônibus circulares, né, Então assim, está no caminho, né, Mas eu acho que ainda falta um pouco de conscientização. E eu vejo bastante publicação nos pontos de ônibus, no metrô. Bastante incentivo institucional da cidade, das câmaras e tudo mais para que se use o transporte público. Então, acho que nesse sentido, sempre vai faltar. Porque a gente está em uma corrida contra o tempo. Então, A gente tem que manter essa conscientização e bater nessa tecla mais e mais.

Analice: Sim, com certeza. E, Milena, recentemente tiveram várias especulações sobre o apagão que aconteceu na Europa, que aconteceu em vários países, mas principalmente na Espanha e Portugal. Você acredita que esse apagão pode ter sido causado pelas mudanças climáticas que estão acontecendo nesses países?

Milena: Ainda não existe uma versão oficial do que... Causou esse apagão, Estamos esperando relatórios e tudo mais, há muita especulação, fake news, né, Houve várias, foi cyber ataque e tudo mais, Ninguém sabe, mas a resposta oficial é que teve ali uma sobrecarga, mesmo na infraestrutura, ali da rede elétrica, E eu acho que pode ter a ver assim, Eu acho que pode sobrecarregar, né, se a gente está tendo, principalmente na Espanha, ali, na França, que a Espanha faz mais calor, assim, pelo menos na região que eu, que eu já fui, que eu conheço, ou dos relatos que eu ouço, Eu acho que é bem mais quente, pelo menos que Lisboa. Então, pode ser que esteja tendo mesmo uma sobrecarga do sistema, porque ele é todo interligado, né? Portugal usa a mesma rede da Espanha e da França, Então, se cai lá, vai cair por aqui também. Apesar de Portugal ter fontes locais para se abastecer, tanto que foi o país que voltou. Voltou antes da Espanha, inclusive, aqui a energia. Eu, por acaso, não estava aqui. Estava voltando do Brasil para cá no dia. Ah, é? É, Estava bem no meu voo. Foi no dia do meu voo. Meu voo ia sair à noite do Brasil, à tarde do Brasil. E o apagão aconteceu no meio. Eu fiquei presa no aeroporto, enfim, esperando o voo. Atrasou, óbvio.

Analice: Mas você ficou em Portugal ou aqui no Brasil?

Milena: Ah, Ia indo em Campinas. Eu peguei o voo em Campinas, mas eu ia pegar o voo às 5 da tarde. E era, enfim... Uma hora da tarde e eu já estava no aeroporto, né, antes, até meio dia, A gente chegou bem cedo. E era para o voo sair às 5, aí das 5, atrasou para as 9, Porque acho que eles estavam tentando entender se ia voltar, se não ia, porque o aeroporto aqui fechou completamente. E não voltava, não voltava, Então eles foram adiando o voo até que o último horário do voo, o voo saiu meia-noite, era para sair às 5 da tarde, saiu meia-noite. Ficamos lá até ter alguma sinalização de que tinha voltado. Aí, meia-noite do Brasil, voltou a energia aqui e a gente conseguiu voltar pra cá. E no outro dia, a gente chegou, O aeroporto ainda estava super caótico, mas estava aberto. Estava funcionando. O pior foi quem estava aqui, que tinha escala, ou tentou sair, e tudo mais, e não conseguia. Estava preso no aeroporto, sem energia, sem comunicação, nada. Porque os telefones não funcionavam, A internet não funcionava, nada funcionava. Eles estavam lá, ouviam as notícias pelo rádio. Olha a importância do rádio.

Analice: Sim. Nossa, eu ouvi umas notícias, mesmo, de pessoas falando assim, que parecia o fim do mundo, né?

Milena: Sim, sim, são os relatos. Inclusive, Eu estava falando com meus colegas de trabalho hoje sobre isso. Ficaram humilhados, né? Praticamente, A gente não está preparado para esse tipo de coisa. E a coincidência é que, alguns meses atrás, o governo, Acho que a Comissão Europeia, se não me engano, recomendou fazer um kit de emergência e tudo mais. Então, As teorias da conspiração estão... Já tinham avisado a gente que alguma coisa ia acontecer e, de repente, tem um apagão. A gente não sabe se tem relação. Não dá pra ficar propagando esse tipo de coisa, mas deu pra perceber que é importante o kit de fato, Já existe a indicação desse kit, porque aqui tem terremoto, Eu passei por um terremoto duas vezes. Já então, existem alguns kits de emergência, que é importante ter com rádio, apito, alguma ração ali. água, principalmente, lanternas e tudo mais, Isso é uma recomendação geral, mesmo, que sempre está rolando.

Analice: Mas eles estão querendo implementar isso?

Milena: Isso já é uma recomendação, digamos assim, que todos os governos europeus fazem, no geral, digamos assim, principalmente quando acontece alguma... Um terremoto, por exemplo, um incêndio, ou mesmo enchentes, alguma coisa que a Defesa Civil manda mensagem, Inclusive, a gente tem esse cadastro em um portal de Lisboa, sempre que tem uma previsão de alguma coisa da Defesa civil, Eles enviam a previsão de chuva, a previsão de vento forte, a previsão de muito calor. Hoje eu recebi, por acaso, um SMS da prefeitura, Chamamos de prefeitura, aqui eles não chamam de prefeitura, mas da Câmara de Lisboa. E da Defesa Civil, dizendo que há uma previsão de aumento acentuado de temperatura, por exemplo. Então, eles sempre estão recomendando ter algum kit de emergência, algum kit de sobrevivência, digamos assim. Então, isso já é padrão. Mas o que aconteceu é que, alguns meses antes, eles fizeram esse anúncio de uma forma um pouco mais intensa. E aí o pessoal ficou um pouco desconfiado. Mas eu acho que é um pouco de desespero, também.

Analice: E Milena, sendo jornalista. Mesmo sem cobrir esses temas, você sente que há uma responsabilidade especial em conscientizar e trazer informações jornalísticas sobre os impactos das alterações climáticas no país. Em que você mora?

Milena: Ah, com certeza, né? A responsabilidade ética para trazer essas notícias baseadas nos fatos, mesmo essa coisa que eu tava falando, por exemplo, do apagão. Não dá pra gente ficar, é... Divulgando fake news, né? Nem chegar na fake news, mas, por exemplo, uma teoria da conspiração. Pode ser que tenha a ver com o cybercrime. Eu vi algumas, como eu estava no Brasil, ainda, e eu tinha internet, né? Eu estava vendo, acompanhando em tempo real as notícias e chegou a sair alguma coisa, tipo, Há indícios de que aí teve um governante, Eu nem lembro

quem foi agora. De Portugal, que disse, ah, há indícios de cybercrime, mas não sei, não sei da onde, Tirou isso da cabeça dele e publicaram, é, Eu acho que é perigoso, No momento que já tá se instaurando o pânico, as pessoas não conseguem falar, não conseguem se comunicar, chegou até, o pessoal chegou a ir pro supermercado, Lotar, carrinho, não chegou a ter roubo, essas coisas, né, arrastão, esse tipo de coisa, Mas o pessoal chegou a tentar fazer estoque, assim, de coisas, né, limpar o supermercado, então, Eu acho que tem que ter, normalmente os veículos mais sérios. Tem, sim, mesmo. A CNN publicou um aviso de que estava saindo uma fake news no nome da CNN, dizendo que tinha se confirmado que a Rússia tinha feito um ataque e tal, e não era nada disso, Mas estavam usando o nome da CNN, então a própria CNN veio desmentir, né, esse tipo de circulação. Então, eu acho que tem que ter, eu vejo que tem, sim aqui, pelo menos os veículos mais sérios, E eu acho que é importante, porque a crise climática não é só ambiental, Ela também é política, ela também é econômica, tem muitas camadas envolvidas. Então, Acho que o jornalismo tem que ter essa seriedade para tratar disso, porque é um tema muito complexo. E as pessoas precisam ser aproximadas desse assunto. Para não parecer uma coisa muito distante, Para não ter essa ideia de conformismo, sabe? Ah, já não posso fazer mais nada, já não tem mais como recuperar e tudo mais. Ah, sim, faz diferença a tua pequena ação, você pegar o metrô hoje, em vez de pegar o seu carro, você separar teu lixo, sim. Porque se todo mundo pensar assim, que não vai fazer diferença, então aí não adianta.

Analice: Sim, Mas você sente então que essas pautas são frequentes na mídia portuguesa?

Milena: Ah, são, são, sim, são frequentes, né, daquilo que eu falei, às vezes, muito factualmente, né, para cobrir essas crises, essas enchentes, incêndios, Aumentou muito a temperatura e tudo mais, mas sim, Mas é um assunto que está sempre em pauta aqui, até por conta dessa obrigatoriedade, né, Eu sinto que a União Europeia está muito comprometida, Não vou dizer que, ai, nossa... Vai salvar o mundo, né? Mas sim, Existem planos sérios, existem diretrizes, Porque são metas que se os países membros, ou se os Estados membros da União Europeia não cumprirem, eles chegam a sofrer sanções. E tudo mais. É uma questão muito política. Então, você assina um acordo ali na União Europeia, Você tem aquele prazo para cumprir, você recebe inclusive uma verba para isso. Então, você tem que se comprometer, depois você tem que prestar contas e tudo mais. Então, é uma pauta... sim, muito recorrente aqui e eu sinto que faz parte da vida das pessoas, assim.

Analice: Sim. E sobre as notícias que vêm do Brasil pra Portugal? Você vê muitas notícias sobre questões climáticas e ambientais. daqui?

Milena: Vejo, sim, vejo, sim, vejo bastante coisas, principalmente sobre desmatamento na Amazônia, questões indígenas também, Na época das enchentes no sul, teve bastante cobertura aqui. Sobre as enchentes, também. Então eu vejo, infelizmente, nessas questões... Os eventos graves, né, infelizmente, nas notícias ruins, durante as tragédias ambientais, assim, nisso sim, sempre cobre. Eventos importantes no Brasil são sempre pauta aqui, inclusive eleições, Qualquer evento importante, Infelizmente, alguma tragédia, alguma coisa, alguma violência, alguma coisa desse tipo, acaba por ser notícia aqui, sim. Enfim, algumas políticas públicas, às vezes, quando se atinge alguma meta climática, Quando o Brasil participa de algum Fórum internacional, Eventualmente há essa cobertura, sim. Eu vejo bastante cobertura daqui.

Analice: Sim, E isso é sempre feito pela mídia portuguesa, né? Não é nada do Brasil, assim, jornalistas brasileiros que fazem.

Milena: Não, pela mídia portuguesa, pela mídia local. Claro que tem emissoras que também estão aí, tem correspondentes, por exemplo, O CNN é um exemplo, né? Que também... Sem CNN Brasil, acaba por chamar o correspondente da CNN Brasil. E, assim como tem o correspondente da CNN Portugal, aí, né. Mas sim, mas mesmo mesmo, Eu costumo dizer, como não há muita notícia aqui, é notícia ruim que infelizmente é a que vende, né, Eles acabam por expandir aí as pautas e abordar mais coisas, e aí acabam por acaba, por ser quase a mesma pauta para todos os jornais. Então, eles acabam por replicar isso que eu quero dizer. As pautas. Então RTP, por exemplo, que é uma TV local, A TVI, as principais TVs aqui, quando dá alguma coisa na CNN, acabam por replicar também o mesmo assunto. Então sim. 6

Analice: E é sempre mais para o lado negativo do que positivo.

Milena: É, eu, sinceramente, Eu lembro de ter visto alguma coisa só em relação a clima, aqui, quando o Brasil participou de algum Fórum internacional, Eu não me lembro exatamente qual que era a pauta em si, mas eu lembro que desmatamento, esse tipo de assunto, sim, estão sempre falando, principalmente porque eles nos consideram donos, Vamos dizer, os responsáveis por cuidar da Amazônia, né? E somos, né? Não deixando de ser, acho que o mundo todo é. Mas então, acho que se coloca muito essa carga no Brasil do que acontece com a Amazônia, e acabam por cobrir bastante isso.

Analice: Certo. Então é isso, Milena. Muito obrigada pela sua participação.

Milena: Eu, que agradeço. Espero ter contribuído aí com a visão daqui de Portugal. E, enfim, sempre um prazer. Agradeço o convite mais uma vez.

Analice: E espero que tenham gostado do episódio de hoje. Muito obrigada. E até a próxima!

11. Decupagem de entrevista com Brenda Marchiori:

Analice: Olá, seja bem-vindo ao podcast Comunicação Climática, que traz notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas em todo o mundo. No episódio de hoje, recebemos a jornalista Brenda Marchiori, mestranda em Jornalismo, Mídia e Globalização pela Universidade de Aarhus, na Dinamarca, com especialização em Política e Comunicação pela Universidade de Amsterdã, na Holanda. Ela é formada também em Jornalismo pela Unaerp e Relações Internacionais pela Unesp. Olá, Brenda, muito obrigada por ter aceitado o nosso convite.

Brenda: Muito obrigada por ter feito esse convite também, né?

Analice: Sendo um país de ilhas e penínsulas, a adaptação climática na Dinamarca tem sido totalmente voltada para a água, preparando-se para a elevação do nível do mar e chuvas mais intensas. A precipitação anual do país já aumentou 15%, enquanto as temperaturas médias subiram 1,5 graus, Em comparação com os níveis Pré-industriais. Mais água significa mais inundações. A Dinamarca viveu um momento decisivo e chocante no verão de 2011, quando houve a maior precipitação em um período de 24 horas já registrada, causando mais de 800 milhões de euros em prejuízos. Brenda, Você tem notado essas mudanças no clima e nas temperaturas da Dinamarca no seu dia a dia?

Brenda: Então, esse é o meu primeiro ano aqui, Na verdade, eu cheguei há nove meses, então eu ainda não tenho muito uma referência. Mas, pelo que eu tenho conversado com quem está aqui há mais tempo ou quem é daqui, o pessoal realmente percebe essas mudanças no dia a dia. Agora, por exemplo, a gente está na primavera e não é normal ter o tanto de dias solares que a gente está tendo. Normalmente, seria mais chuva e tal. Mas a gente está tendo muitos dias com sol e também com temperaturas que se assemelham ao verão daqui. Os invernos também estão menos rigorosos do que costumavam ser no passado. E, pelo que me disseram, também, Os verões estão mais chuvosos.

Analice: Certo, entendi. E você já teve relato de questões de inundações aí no país?

Brenda: Pelo tempo que eu estou aqui, não. Mas realmente chove bastante, é um país que chove bastante e até as cidades estão se preparando para o aumento das precipitações.

Analice: Entendi. E quais mudanças o país tem feito para lidar com essa questão das chuvas mais intensas, Você sabe me dizer?

Brenda: Sei sim. A Dinamarca está preparando sua infraestrutura urbana para lidar com esses eventos mais extremos. Eles adotaram uma abordagem que se chama design Resiliente. Por exemplo, Copenhague tem um plano de adaptação climática que a cidade está se preparando

para receber essas chuvas mais intensas. As inundações e também o nível do mar. Foram criados alguns parques e praças que são capazes de reter o volume das águas durante as enchentes. E também estão investindo bastante em canais subterrâneos, bacias de retenção e a pavimentação da cidade é permeável também.

Analice: Ah, sim, muito legal. Nossa, eles têm bastante iniciativas, né?

Brenda: Tem, tem bastante iniciativa aqui.

Analice: E você acha que essas questões das chuvas acabam impactando de alguma forma? A comunidade, as pessoas que vivem aí?

Brenda: Sim, apesar do pessoal aqui já ser muito acostumado com chuva, para eles é uma coisa muito normal. Pode estar chovendo tanto que for, o pessoal mantém a vida normal. Eles têm sido impactados, sim, com as inundações, que elas acabam alterando o ritmo da população. E algumas áreas costeiras também já estão considerando realocar a sua população, prevendo esse aumento do nível do mar.

Analice: Certo. E você falou que agora vocês estão na primavera, né? Como que está o clima agora por aí? É para fazer calor? Como que funciona?

Brenda: Era para ser um pouco mais frio, Não igual o inverno, claro, mas é uma primavera um pouco mais gelada. E a gente está tendo dias com 19 graus, que aqui é calor. E é mais ou menos a temperatura que faz no verão, então isso tá anormal. **Analice:** Entendi. A máxima é 19 graus, você diz?

Brenda: Não a máxima, mas tem dias na primavera que estão chegando a isso. No verão, chega, Eu acho que a média, se eu não me engano, é uns 22 graus, por aí.

Analice: Entendi. Nossa, pra gente aqui, isso é bem frio.

Brenda: É, é o inverno de Ribeirão.

Analice: Sim, e... Bom, tem alguma medida específica que a Dinamarca está fazendo para lidar com as questões das mudanças climáticas, questões ambientais e de sustentabilidade? **Brenda:** Sim, eu observo que aqui tudo é bem voltado para a questão da sustentabilidade. O país visa uma neutralidade de carbono até 2050 e, para isso, eles já estão implementando algumas medidas. Como uma alta taxaço do carbono, também existe muito incentivo a energias renováveis, energia eólica, Que é algo que a gente vê bastante, principalmente quando a gente viaja pelo interior do país, nos campos. A gente consegue ver as turbinas e tal. E também eles pretendem que toda a energia do país seja verde, e, para isso, o pessoal recebe subsídio estatal. Mas, além disso, existe um Plano climático nacional da Dinamarca, que tem algumas metas, das mais variadas, até na questão da alimentação. Eles incentivam uma alimentação não voltada para o vegetarianismo, mas com uma redução do consumo de carne, para reduzir também as

emissões de gases de efeito estufa. O próprio Ministério da Alimentação recomenda reduzir o consumo de carne vermelha. E também aqui, uma coisa que a gente observa muito no dia a dia é que existe bastante incentivo para combater o desperdício de alimento. Não só aqui na Dinamarca, mas acho que em vários países da Europa existem até aplicativos que você pode comprar bem mais barato. Assim, a comida que sobra de alguns restaurantes, mercados, para eles não jogarem fora, então, Com isso... A Dinamarca já reduziu, entre 2010 e 2015, 25% do desperdício alimentar por pessoa. E também aqui, a questão do transporte, O pessoal usa muito bicicleta. Não tem carro, claro, Mas uma coisa que eu observei muito quando eu mudei para cá foi a questão da quantidade de carros elétricos. É realmente impressionante. Muito mais que no Brasil, assim, é uma coisa completamente normal, Carro elétrico aqui. E a questão das bicicletas, Todas as cidades têm uma estrutura voltada para isso. Então, realmente, Existe um incentivo para isso. Além disso, também, uma coisa bem legal, Quando eu mudei, é a questão da reciclagem. O meu próprio apartamento, quando eu mudei, assim, já veio, assim, um folder. Como reciclar o seu lixo. Em qual lata de lixo vai cada coisa? Porque aqui, praticamente em todo o bairro, Você tem lixeiras para coleta seletiva. Também a questão garrafa, plástica e latas, Você consegue trocar por crédito nos mercados. Então, tem bastante incentivo para a população ser mais sustentável.

Analice: Sim. Nossa, bem legal. Tem bastante iniciativas, né? Eu confesso que eu até senti um pouco de dificuldade para achar notícias relacionadas de forma negativa em questões climáticas na Dinamarca.

Brenda: Realmente, não que não tenha, mas eu acho que, em comparação ao Brasil ou alguns outros países, é bem menos.

Analice: Sim. E essa questão da alimentação que você tinha comentado, achei bem... inovador, né? De certa forma, nunca tinha ouvido falar. E você acha, assim, que a população aí no dia a dia segue isso realmente?

Brenda: Eu acredito que sim, às vezes nem por escolha, porque a carne aqui ela é realmente bem mais cara. Então, E também a alimentação é um pouco diferente. Então, eu acredito que sim, a população siga isso. Às vezes, de forma consciente, às vezes não.

Analice: Aham. Você segue?

Brenda: Eu sou vegetariana já há 10 anos.

Analice: Ah, é? Que legal! É. Então você segue.

Brenda: É, sigo.

Analice: Entendi. E como você avalia a conscientização da população dinamarquesa em relação à crise climática? Há um senso de urgência sobre isso? **Brenda:** Ao meu ver, assim, existe bastante conscientização. Eu acho que é meio natural para a população, tanto por questão dos incentivos do governo, a iniciativa privada, mas também as crianças, Elas são incentivadas desde a escola aqui. E também é uma questão bem discutida nos meios de comunicação.

Analice: Entendi. Eles aplicam a questão da educação ambiental, assim, nas escolas? **Brenda:** Eu não sei direito como que é. Eu sei que é uma questão que é discutida, mas eu não conheço ninguém que tenha uma criança que frequente a escola, então não sei te dizer. **Analice:** Entendi. E a mídia tem trazido questões climáticas e ambientais em pauta. Ou você ainda acha que falta falar sobre esse assunto? Aí na Dinamarca?

Brenda: De maneira geral, eles falam bastante, sim. Eles cobrem bastante a questão climática. E também existe um esforço para contextualizar a questão climática no dia a dia das pessoas. Mas ainda há espaços para avanços, como sempre, Existem melhorias que podem ser feitas. Porque aqui na Europa tem muita questão de imigrantes climáticos, e eu sinto que, às vezes, isso não é tão discutido.

Analice: Mas, assim, seria mais voltada para a questão climática, mesmo? **Brenda:** Sim, sim. Eu digo assim, pessoas que às vezes precisam deixar seus países por catástrofes climáticas ou outras coisas assim, Eu vejo que isso não é tão discutido. Sim, então existe uma lacuna, assim, de certa forma. Sim, eu acho que aqui as notícias sobre mudanças climáticas, elas são, às vezes elas são mais técnicas. Tem também a questão humana, mas eu sinto que é mais, por exemplo, a cobertura de boletins climáticos ou coisas assim.

Analice: Entendi. Essa questão dos imigrantes é uma realidade que tem acontecido na Dinamarca? Tem ido bastante gente para ir por conta disso?

Brenda: Tem, sim, está crescendo. Eu acho que, se eu não me engano, existem... Muitos migrantes do continente africano aqui. Mas como assim, A Dinamarca não faz fronteira com a África, nem nada, é um país mais para o norte da Europa, é menos do que em relação a outros países, mas está crescendo. Então, assim, ao meu ver, A sociedade ainda está aprendendo como lidar com a questão migratória aqui.

Analice: Sim, certo. E existe algum... impacto, assim, que seja perceptível no estilo de vida, né, das pessoas, devido a essas questões climáticas?

Brenda: Eu não sei te dizer porque não faz muito tempo que eu tô aqui, mas uma coisa assim, no dia a dia, Todo mundo sempre carrega capa de chuva, porque não dá pra, Às vezes não dá pra prever quando vai chover ou não, então tá todo mundo... Meio que preparado pra isso. E eu

vejo também muito na questão da vestimenta, porque às vezes você sai, tá sol, mas de repente, o clima... O clima não, desculpa. O tempo muda completamente durante o dia. Então, é bem comum aqui você carregar camadas de roupa.

Analice: Entendi. Então todo mundo anda bem agasalhado, assim por aí.

Brenda: É. Ou então, totalmente o oposto. Às vezes, eu vejo umas coisas que eu fico... Como é possível? Eu já vi gente, assim, nevando o pessoal de Bermuda, sem roupa de frio. A gente até brinca que eles têm resistência ao frio, porque pra gente é um absurdo.

Analice: Hoje aqui, por exemplo, fez, sei lá, Acho que 12 graus de manhã, A gente já tava sofrendo aqui. Imagina aí, com neve, o pessoal de Bermuda, como assim? A crise climática por aí já está influenciando debates políticos. Também aí no país?

Brenda: Sim, está, sim. Aqui, pelo que eu tenho visto, Não importa o partido ou a ideologia política, Todo mundo acaba discutindo questões climáticas. Alguns temas, como a agricultura, a energia renovável. São frequentemente debatidos, tanto nas campanhas eleitorais, quanto no parlamento, Então tem, sim.

Analice: Sim, E como você enxerga o papel do governo na mobilização contra os impactos climáticos?

Brenda: Eu acho que o governo aqui é bem proativo, até pelas medidas que ele acaba tomando para enfrentar as mudanças climáticas, porque já é uma realidade, Mas existem críticas que poderia ser feito mais, principalmente quanto a rapidez com que essas transformações e até medidas são adotadas.

Analice: Como assim, você quer dizer, exatamente?

Brenda: Por exemplo, aqui, como em outros países, também, O principal emissor de gases de efeito estufa é a agricultura. E não está... Existem transformações quanto a esse setor, mas elas são mais demoradas.

Analice: Entendi. Mas eles talvez não tenham tantas iniciativas voltadas para isso. ainda?

Brenda: É, e eu acho que é um pouco complicado. também, porque aqui a agricultura não é um forte, né? Então, aqui, se você anda pelo interior do país, você não vê tantas plantações ou tanto gado que nem no Brasil.

Analice: E nessa questão alimentar, eles costumam fazer mais exportações, talvez? Por conta disso?

Brenda: Sim, sim. Eu acredito que a maior parte da carne consumida aqui é importada de outros lugares.

Analice: Ah, entendi. E por que isso acontece? Será que é, por conta do clima, dessa temperatura mais fria?

Brenda: Não só por isso, mas aqui é um país pequeno, né? Então, não tem muito espaço, não tem muita área disponível, assim, pra plantio e criação. De animais.

Analice: Ah, entendi. Nossa, eu não sabia disso. Legal. E, assim, sobre as notícias que vêm do Brasil para a Dinamarca, Você vê muitas notícias sobre questões climáticas aqui do Brasil?

Brenda: Então, eu não acompanho tanto os veículos de comunicação aqui, principalmente por causa da língua, né, que existe essa barreira, porque o dinamarquês, Ele é realmente bem complicado de entender. Normalmente, eu costumo mais dos meios de comunicação brasileiros, mas o que chega aqui é quando alguma coisa muito grande acontece. Por exemplo, alguma queimada na Amazônia, que gerou um impacto muito forte ou foi muito veiculada na mídia. Alguma mudança relevante na política ambiental brasileira, que vai gerar algum impacto para outros países.

Analice: Sim, e isso é sempre feito pela mídia dinamarquesa, não é, tipo, notícias brasileiras, assim?

Brenda: É, é, é que, é, Aqui eu consumo dois meios de comunicação, só, que eles são em inglês, Então não posso falar no geral. Mas, sim, é, Eles veiculam que é o que sai no geral na mídia internacional.

Analice: Entendi. Só uma curiosidade, você fala dinamarquês?

Brenda: Não. Eu tentei aprender, mas não, não consegui.

Analice: Entendi. Então, o mestrado que você faz aí é todo, em inglês, mesmo?

Brenda: É, ele é um mestrado internacional, Ele é voltado para alunos internacionais. **Analice:** Ah, entendi, que bacana. E, assim, Você saberia me dizer como a imprensa daí vê as questões climáticas aqui no Brasil, no sentido, Se é mais positivo ou negativo?

Brenda: Eu acho que, no geral, Existe uma preocupação pelo papel do Brasil na questão climática, principalmente porque a gente tem a Amazônia e isso é visto assim... Muitos países olham meio desconfiados no sentido, por exemplo, das queimadas, Como se o Brasil não estivesse cuidando da Amazônia ou alguma coisa assim. Mas, ao meu ver, é um pouco mais complexo, porque também na hora de reportar, de veicular isso, Eles não entendem o contexto brasileiro a fundo, assim como também se o Brasil estiver reportando alguma questão da Dinamarca, vai ter essa, não falha de comunicação, mas vai existir essa lacuna, Porque eu acho que o contexto socioambiental também é bem importante. Na hora de você reportar alguma questão assim. Mas, por outro lado, Eles também reconhecem o país, o Brasil, tendo esse

papelchave na questão das mudanças climáticas. Isso gera uma expectativa dos outros países em relação à postura brasileira.

Analice: Entendi. Mas você acha que é mais uma visão negativa, assim?

Brenda: Eu acho que sim, até porque é o que acaba chegando, né? Quando acontece algum desastre, assim, alguma grande queimada, é o que é mais veiculado.

Analice: Sim, sim. Entendi. É, Eu tava também conversando com outras pessoas, aí da Europa, e me disseram a mesma coisa, que é sempre chega mais questões negativas, mesmo, né? Então, é triste.

Brenda: É, realmente.

Analice: Bom, Brenda, Então foi isso. Muito obrigada pela sua participação.

Brenda: Imagina, obrigada novamente pelo convite.

Analice: Espero que tenham gostado do episódio de hoje. Muito obrigada. E até a próxima.

12. Decupagem de entrevista com Bruna Marchi:

Analice: Olá, seja bem-vindo ao podcast Comunicação Climática, que traz notícias sobre o meio ambiente e mudanças climáticas em todo o mundo. No episódio de hoje, recebemos a jornalista Bruna Marchi, formada pela UNAERP. Ela já atuou em empresas como O Mundo Zoom, Milagre do Verbo e Ouro Fino Saúde Animal. Estudou artes cênicas por quatro anos e construiu sua identidade como comunicadora, artista e produtora de conteúdo digital.

Atualmente, ela está morando na Irlanda, cursando línguas na Griffith College Cork. Olá, Bruna. Muito obrigada por ter aceitado o nosso convite.

Bruna: Muito obrigada. Eu, que agradeço.

Analice: Na Irlanda, os efeitos das mudanças climáticas podem ser vistas com o aumento da temperatura. As temperaturas já tiveram um aumento de 0,7 graus. Em anos anteriores, e depois, de 1980 a 2008, aumentaram mais 0,4. Parece pouco, mas já deu para perceber as consequências. O aumento das temperaturas teve efeitos colaterais no meio ambiente natural da Irlanda. Alterando a estação de crescimento, afetando a agricultura e aumentando o número de animais adaptados a temperaturas mais altas. Um aumento na frequência e no impacto das tempestades também foi registrado nas últimas décadas. Bruna, Você tem notado essas mudanças no seu dia a dia? O clima tem mudado por aí?

Bruna: Então... O clima na Irlanda é uma coisa muito falada. O tempo todo. Principalmente a gente que vem da América do Sul e vem morar aqui, A gente sente bastante a mudança climática no sentido de ser um país frio. Então aqui é cinza por muitos, muitos, muitos dias e muitos,

muitos meses. E obviamente, no meu primeiro momento, Quando eu mudei para cá, eu consegui sentir esse impacto. Comparando com o Brasil. obviamente, mas depois de um tempo, quando você passa a morar aqui, você começa a se acostumar um pouquinho mais. E aí, quando faz sol, eu acho que até é uma coisa engraçada, né, A gente tá passando pelo verão agora, e a gente teve mais ou menos aí uns 10 dias direto de sol. E isso foi um susto gigante, não só pra gente que não nasceu e não cresceu aqui na Irlanda, mas também pros irlandeses que eles também não estão tão acostumados, Então, isso de certa forma, impacta no nosso dia a dia e aí eu... Sinceramente, eu amo o sol, eu sou completamente brasileira, mas no fim do dia, poxa, 10 dias de sol. Foi assim. Amei, mas assustei um pouquinho, né, porque a gente vai acostumando aí com o friozinho, com os dias, cinzas e com as chuvas, que são bastante intensas aqui. Mas uma outra coisa que é interessante dizer também é que as chuvas daqui não são como as chuvas do Brasil, né. As chuvas, elas são... Tem bastante vento, muito vento, né, dependendo da época. Época do ano, Mas as chuvas não é aquela chuvona, né, aquela enchente que a gente sempre vê em algumas épocas do ano no Brasil. Aqui sempre tá chovendo, mas de uma forma, assim, não tão intensa, né. E, enfim, eu acredito que sim, Eu sinto que eu tô sentindo uma diferença climática, principalmente agora, comparado com o verão do ano passado, que eu também estava aqui na Irlanda, Eu sinto que tá ficando mais quente. E aí tem gente que gosta, tem irlandês que não se adapta tão bem. E também tem nós, imigrantes, aqui, que às vezes a gente sente um pouco... Oxê, Não é muito o que a Irlanda era no começo, né? Enfim, A gente vai sentindo essa diferença.

Analice: E, Bruna, faz Quanto tempo que você tá morando aí na Irlanda?

Bruna: Eu moro quase um ano e meio. Não faz muito tempo.

Analice: Certo. E, assim, Você sente, então, que o verão tá... Sempre foi sol. Ou é só agora que começou a aparecer?

Bruna: Em comparação com o verão do ano passado, Eu senti que esse verão está mais quente. Vou falar a verdade, Eu senti que o sol está mais quente, As temperaturas estão mais elevadas, mesmo. E se a gente dá um Google, aí, a gente consegue ver essas diferenças também. Então, assim, é raro, por exemplo, isso conversando com as pessoas que eu convivo, os irlandeses que cresceram e nasceram aqui em Cork, Eles me trouxeram muito essas falas, porque o clima é um tópico. Muito importante aqui, todo mundo fala de clima a todo momento, né? Assim, essa região da Europa, o principal tópico, Aquela conversa de elevador, ou aquela conversa com uma pessoa que você não conhece ali, na rua, sempre vai ser o clima. E tendo esses papos, esses assuntos com o pessoal, geralmente é sempre assim, nossa, Abril fez muito sol, geralmente

abril, aqui na Irlanda. Não faz sol, Tá um pouco mais quente e tudo mais. Mas é lógico que continua. friozinho, O nosso verão ainda é um pouco meio louco. Por exemplo, agora, Se eu não me engano, deixa eu checar aqui pra você, Eu acho que deve estar uns 10 graus, que é o inverno aí do Brasil. E aqui é o verão pra gente. Gente! É, é meio louco, né? Porque a gente trata isso como o verão da Irlanda. Na verdade, Hoje, a mínima foi 7, a máxima 16.

Analice: Olha, já tá maiorzinha.

Bruna: Mas já choveu, já fez sol, já choveu de novo, já ficou nublado. E isso é uma coisa muito interessante na Irlanda, também. Às vezes você acorda e tá nublado. Aí você, sei lá, vai pro trabalho, a hora que você saiu, pum, tá um solzão. O céu tá azul e aí dá duas horas, pum, de repente, nublado de novo. Eu não sei dizer pra você, com tanta propriedade, se isso é uma característica do verão daqui, Mas é o que eu venho percebendo com muita frequência. E tem muito meme nas redes sociais, inclusive, que fala disso. Ai, tá sol, beleza. Aí você troca a roupa pra fazer uma caminhada, A hora que você abre a porta, chuva. Então, assim, tem esse mix aí de emoções, digamos assim, na temperatura, no clima. Irlandês, de uma forma em geral, assim, O que eu venho sentindo também pessoalmente, falando, né?

Analice: Certo. E o inverno aí costuma chegar a quantos graus?

Bruna: Olha, depende. Eu diria, assim, menos 5. Menos 5. Depende, é muito, assim, relativo, mesmo, mas no último inverno, por exemplo, em dezembro, nevou. É, tava, um friozinho, aí de menos. 5, Eu falaria. Depende também do horário, mas assim, é possível chegar nisso, assim. Mas a gente vai acostumando também, não é de todo mal, sabe?

Analice: Ai, que bom. E, Bruna, na sua opinião, Como os impactos climáticos têm afetado as áreas rurais e as práticas agrícolas irlandesas, que são tradicionais no país?

Bruna: Isso é uma questão bem, assim, é uma pauta muito importante para eles aqui, porque, querendo ou não, A agricultura irlandesa é o forte deles, né? Então, tem muitas fazendas, Quando você sai mais dos pontos centrais da Irlanda, assim, você consegue ver muita fazenda, muita graminha verde, verde, verde, Porque, como chove muito aqui, a pastagem é muito legal, né? É muito, assim, rica, né? E é muito boa para a criação de gado, né? Eles são muito fortes em criação de gado e produção leiteira aqui. Muito famosa pela batata, pela beterraba e tudo mais. Mas é óbvio que se a gente tem uma instabilidade climática, dizendo O assenso comum, é muito perceptível que isso vai afetar na produtividade da agricultura do pessoal. aqui. Então, Se não segue um padrão climático, obviamente isso vai afetar. Por exemplo, se a gente tem 10 dias de chuva, desculpa, 10 dias de sol, tempo seco, úmido... Isso vai afetar na pastagem, né? Então, isso vai afetar na alimentação do gado, que vai afetar na produção, vai diminuir a

produção. Então, assim, É um ciclo muito doido, assim, né? E muito natural também, quando a gente tem essa instabilidade climática. Então, Além disso, né? Existe também uma pressão muito grande, na Europa como um todo, no geral. Uma pressão crescente para os agricultores seguirem, adotarem mais práticas sustentáveis, tecnologias mais sustentáveis, para a redução da emissão de metano e tudo mais. E às vezes, alguns agricultores, Eles veem isso como uma baixa produtividade, enfim, Ou até mesmo um investimento grande que essas pessoas devem ter para poder ter uma produção mais sustentável e tudo mais. Então, esses são alguns pontos, aí. Que afetariam, de certa forma, a produtividade, além do clima, também. Que, às vezes, essa instabilidade e a falta do padrão climático vai afetar de alguma forma. Existem alguns desafios que vêm acontecendo. Eu estava observando um relatório dos Conselhos Climáticos da Irlanda. E depois eu posso mandar para você também o link. O link, O PDF, para as pessoas que ouvirem, poderem acessar caso tenha mais interesse. Também é bem interessante, mas é bem profundo, porque é um assunto bem intenso e querendo ou não, Eu ainda não sou uma grande entendedora do clima e do meio ambiente na Irlanda, para poder dizer com propriedade. Mas eu tenho todos esses documentos aqui comigo e aí eu posso compartilhar esse relatório para vocês entenderem um pouco melhor.

Analice: Perfeito, e Bruna É, assim, com essas questões agrícolas, né, que você comentou, Você percebeu algum impacto, assim, no seu dia a dia, como, por exemplo, o aumento do preço dos alimentos, às vezes?

Bruna: Olha, eu confesso pra você que eu não tenho tanta atenção nisso, mas eu já ouvi dizer que isso acontece. Aqui, né, trazendo um pouco meu lado pessoal, minha vida acaba sendo muito corrida, Eu não tenho tanta atenção pra isso. Mas já troquei bastante ideia com as pessoas que moram aqui e que falam muito disso, moram, cresceram aqui, Estão aqui mais tempo e conseguem sentir essa diferença muito grande. Ou talvez quando você tem, sei lá, um mês com uma alteração climática ou uma semana um pouco mais complicada ou mais seca ou muito úmida, Obviamente, a produção que chega até o mercado é um pouco menor. E isso é perceptível, além dos preços, também. Mas assim, é aquilo, né? Eu sou uma pessoa brasileira e ainda assim, eu sinto que o alimento no mercado aqui, pra mim, é muito barato. Quando eu faço essa comparação com o Brasil. Então, para mim, não tem tanta essa diferença, mas para as pessoas que moram aqui, que cresceram aqui, que vivenciaram, preços muito, muito baixos, Sei lá, de um queijo, de um leite, de um ovo. E conseguiram acompanhar com o tempo, Essas pessoas chegam a relatar que sim, há uma diferença muito grande mesmo, e, enfim, mexe no bolso, né, independente.

Analice: Sim, com certeza. E você acredita que a população irlandesa está ciente e preocupada com os efeitos das mudanças climáticas? Por aí?

Bruna: Olha, eu acredito que sim, e aí eu até trouxe uma pesquisa aqui para vocês, é que em 2023 foi feita uma pesquisa chamada É... A mudança climática na mente irlandesa, Essa pesquisa foi conduzida pela Agência de Proteção Ambiental da Irlanda, E o resultado dessa pesquisa revela que 34% dos irlandeses se identificam como alarmados em relação às diferenças climáticas. aqui. Embora a Irlanda ainda continue sendo cinza a todo momento, e chuvas e tudo mais, 48% estão preocupados com essas mudanças climáticas. E aí tem aí os 4% que são cétricos em relação às diferenças climáticas que vêm acontecendo ao longo dos anos. Essa também é uma outra pesquisa que eu também posso compartilhar com vocês. É bem interessante, traz mais detalhes em relação à quantidade de entrevistados e tudo mais, para a gente ter uma noção.

Analice: Sim, certo. Pode me mandar, sim, eu aceito.

Bruna: Vou mandar, vou mandar tudo. Você pode colocar até no final do podcast, Vocês podem acessar. É bem interessante para a gente fazer essa comparação com outros países. também. Porque é muito perceptível que as práticas que são feitas aqui na Irlanda, embora seja um país que tem a produção agrícola bem marcante, como o Brasil também, mas em outras proporções, em outros tamanhos de país também, Mas as práticas são diferentes. E é legal, às vezes a gente comparar, a gente entender essas diferenças, E com outros países da Europa também. Porque esse é um outro ponto. A Irlanda ainda não fala... Tanto dessas questões climáticas quanto outros países da Europa. Se você fazer uma comparação, se você for mais dentro do jornalismo climático aqui, ainda poderia falar mais sobre, poderia trazer mais conscientização sobre. Ainda há um pouco essa falta.

Analice: Sim, você acha que falta, então.

Bruna: Sim, sim. Mais uma vez, se a gente comparar com outros países da Europa, Existem outros países da Europa falando muito mais sobre esses problemas climáticos do que propriamente. A Irlanda. E poderia falar mais, poderia, mas assim, é aquilo, né? Eu acho que isso é uma coisa do mundo todo. As notícias também andam cada vez mais ideológicas e coisas nesse sentido, às vezes, acabam trazendo menos essas questões de sustentabilidade, das práticas sustentáveis dentro das produções agrícolas. Então, assim, é sempre, Acho que todo mundo está passando meio que por isso, sabe? Tentar achar a melhor forma de trazer a consciência climática à tona, de uma forma saudável, eu diria.

Analice: Sim. E você acredita que o governo irlandês está adotando medidas eficazes para mitigar e se adaptar às mudanças climáticas?

Bruna: Então, eu acredito que sim, porque eles têm um relatório aqui, Eu acredito que no Brasil também isso. Isso também acontece, O relatório anual de todos os planos, as práticas que o governo vai passar a fazer para mudar essas questões. Então, a gente tem aqui a Agência de Proteção Ambiental da Irlanda, que todo ano divulga um relatório com todas as práticas, mitigação. A adaptação em relação ao clima e toda a sustentabilidade do país. E dando uma pesquisa rápida sobre o assunto, eu pude observar que há um plano de ação climático para 2024, esse plano estabelece basicamente o compromisso legal de reduzir as emissões de gases de efeito estufa em 51% até 2030. Em comparação com os níveis de 2018, comparando com os níveis de 2018, para alcançar emissões líquidas zero até 2050. Então, Isso é um dos planos de ação climática que eles trouxeram em 2024, né, para tentar seguir. E aí? As ações dessas práticas incluem expansão de energia renovável, eletrificação de transporte público, incentivo à doação de veículos elétricos, Reformas no setor agrícola, né, Para reduzir essas emissões de metano, promover mais práticas sustentáveis. Então, assim, Há inúmeras práticas, inúmeras ações que eles trazem dentro desse relatório, que eu também vou compartilhar com você no final do podcast. Quem realmente gosta desse assunto vai ter muita coisa para pesquisar e entender. Além do fundo de infraestrutura, de clima, de natureza, existe um fundo de investimento, O investimento é inicial, Isso com dados de 2024 da Agência de Proteção Ambiental da Irlanda. O governo estabeleceu em 2024 esse fundo com um investimento inicial de 2 bilhões anuais, Tudo para financiar projetos de infraestrutura resiliente com conservação ambiental. agora, A questão que fica é isso vai acontecer de fato? Isso vem acontecendo de fato? Então, cabe aqui os cidadãos irlandeses e as pessoas que realmente planejam estar na Irlanda por mais tempo, Ficar de olho nisso, porque é importante, Quando a gente passa a mudar de país, por exemplo, por mais que o nosso coração, o meu, por exemplo, é muito brasileiro. Meu coração é sempre brasileiro. Mas os meus olhos políticos agora também estão para esse lado. Eu também preciso entender o que eles estão fazendo, quais são as políticas públicas, sociais, é sustentável ou não, é. Como que é isso? Então, eu acho que cabe também a gente criar um olhar mais crítico, por mais que eu, ainda seja uma imigrante aqui no país.

Analice: Sim, com certeza. E na cidade onde você está morando, atualmente, e você percebe iniciativas ambientais ou projetos locais que estão ajudando nessa questão do meio ambiente?

Bruna: Cara, uma coisa que eu percebi logo quando eu cheguei, uma coisa muito básica, tá? Lixo, coleta de lixo. A coleta de lixo aqui é linda, é lindíssima, assim. Basicamente, a grande maioria, Eu falo mais assim por Cork, né? A grande maioria dos bairros de Cork. Tem um processo de... É como se fosse um projeto, você paga um tanto mensal, divide entre as pessoas

que moram no seu bairro, uma coisa assim, E aí passa uma coleta específica para cada lixo específico. Então, os recicláveis, o lixo geral, então assim, Existe essa coleta de lixo aqui, principalmente em Cork, na verdade, na Irlanda, de uma forma geral, em Dublin. Também. Eu sei que existe isso, e é muito eficiente. É muito, muito eficiente. Eu não sei te dizer exatamente qual é o valor, porque como eu acabo dividindo com as pessoas que moram comigo, E o próprio dono do local aqui da casa acaba fazendo esse trâmite para a gente, Eu não sei te dizer exatamente o valor. Mas é um valor super simbólico que o bairro todo acaba contribuindo para o projeto, E aí os lixeiros vêm, Eles passam com as máquinas, fazerem especificadamente, Cada semana, um lixo diferente. Então, por exemplo, toda quinta-feira, na primeira semana de junho, vai ser os recicláveis, o plástico, blá, blá, blá. Depois, na próxima semana, serão os vidros. Então, existe essa organização? E aí todas as casas do bairro recebem um calendário com as datas específicas de qual lixo nós devemos colocar para fora da casa para haver essa coleta. Então, isso é uma coisa que quando eu cheguei aqui, eu adorei. O máximo, porque no local que eu morava no Brasil, isso não existia. Então isso pra mim é diferente. É uma coisa que funciona, você vai em qualquer bairro aqui, você olha e isso funciona. Olha, só, Mas, mais uma vez, a gente não pode comparar completamente com o Brasil do lugar que eu vim. porque, de novo, são economias diferentes. É uma educação diferente, é uma cultura diferente, né? Mas claro que às vezes a gente faz essas comparações, porque é uma vida diferente para a gente. Também dentro de uma economia, de uma cultura diferente. Então, é isso.

Analice: Sim. E, Bruna, Eu confesso que eu não encontrei muitas notícias sobre questões... Ambientais na Irlanda. Por isso eu até fiquei pensando, assim, Você acha que a Irlanda tá na frente dos outros países, assim, nessas questões ambientais?

Bruna: Olha, não sou uma grande entendedora do assunto, mais uma vez, para dizer, mas o que eu consigo sentir falando com pessoas, pesquisando, procurando entender mais sobre o assunto, É perceptível que falta mais, assim, Falta um pouquinho mais para a Irlanda chegar lá, né, digamos assim. Em relação a trazer mais assuntos sobre o clima, ou se preocupar um pouco mais com o clima, sabe? E assim, é perceptível. Se você, por exemplo, se você compara com a França, por exemplo, A França tem um comportamento bem marcado em relação às ações climáticas, e às sustentabilidades, e às práticas sustentáveis, e às políticas sustentáveis. A gente vê isso, por mais que a gente não, por exemplo, por mais que eu não entenda tanto do assunto assim, e não seja uma grande pesquisadora disso, É perceptível que a gente escuta mais a França falar disso, por exemplo, ou o governo se manifestar em relação a isso, trazer opiniões mais marcantes em relação a isso. Tanto é que... Mas, queria fazer até um paralelo. Estou aqui

dizendo que talvez a Irlanda precisa dar uns passinhos a mais para... Se preocupar mais com o clima e tudo mais. Mas, recentemente, aconteceu uma ação muito interessante pro fundo da Amazônia, que a Irlanda acabou doando, em março de 2025, Super recente, A Irlanda anunciou uma doação de 15 milhões ao Fundo da Amazônia. E acabou reforçando aí o seu compromisso com a preservação da floresta tropical. Então assim, Que legal. Estou aqui dizendo, nossa, poderia se preocupar um pouco mais, Percebo que outros países da Europa se preocupam um pouco mais, mas, olha, só, ajudaram o nosso país do coração. Então, tem isso também, A gente precisa olhar para isso, um ponto positivo aqui. E, além das críticas, a mídia irlandesa, Obviamente não se fala muito do Brasil, porque eu acho que também a Europa passa por outras questões econômicas, outras questões. Mas assim, quando aconteceu as enchentes no Rio Grande do Sul, por exemplo, A mídia irlandesa, anunciou, trouxe críticas em relação ao clima, ao que está acontecendo ali no Brasil. Inclusive, numa escala um pouquinho menor, As próprias pessoas do meu convívio, irlandeses do meu convívio, trouxeram muito para mim esse tópico. também, Perguntaram se a minha família estava bem e se eu era daquela região do Brasil. Algumas pessoas aqui também fizeram a famosa vaquinha pra poder ajudar as pessoas no Brasil. Até porque também tem muito brasileiro aqui na Irlanda, Então esse movimento acontece com muita frequência. Mas é legal, é um outro ponto também. As pessoas estão sabendo o que está acontecendo, de alguma forma, souberam o que aconteceu, algumas devastações por conta do clima no Brasil. Mas eu nunca liguei a TV e olhei alguma coisa sobre o Brasil de uma forma muito, vamos dizer, frequente. Isso nunca aconteceu comigo, por exemplo. Mas o que eu venho acompanhando são coisas mais pontuais mesmo, basicamente.

Analice: Certo. E, falando um pouquinho da mídia irlandesa, você acredita que eles têm falado de forma eficaz sobre as questões das mudanças climáticas? Suas consequências e como que essa abordagem é feita?

Bruna: Eu confesso para você que eu não sei. Eu não sei te explicar como que é feita essa abordagem. Eu acho que, mais uma vez, o que eu acompanho muito e o que eu acabei pesquisando bastante. É essa questão do relatório, que existe, sim, uma agência ambiental aqui, que traz e que mostra as práticas que vão ser feitas, os compromissos que vão ser feitos. Mas eu não sei te dizer exatamente como que a mídia vem abordando sobre isso, porque é exatamente isso que eu te falei, Eu acho que, ou eu talvez esteja assistindo. Outras reportagens, outras abordagens, outras angulações, Mas existe isso de alguma forma, esse relatório? existe, Essas práticas que o governo assume e se compromete existem de alguma forma. Agora, como é isso abordado? Aí já são outros 500. Eu não consigo te falar exatamente como que é feita essa

abordagem, mas sim, É muito perceptível também, que há sempre um interesse político, há sempre uma ideologia por trás. Muitas vezes, as notícias que são trazidas, elas não são trazidas de forma clara, né, em relação, seguindo as práticas da sustentabilidade, E, mais uma vez, eu acredito que é um desafio. Meio Mundano hoje em dia, né, na parte jornalística, Quando a gente fala dessas questões de, enfim, políticas públicas, sociais, Como trazer isso para a população dentro da mídia, enfim, é sempre um desafio muito grande, né. **Analice:** Notícias factuais, assim, Sobre isso você não costuma ver?

Bruna: Não, não, Não costumo ver sobre o meio ambiente aqui. Eles falam muito do clima, assim, de uma forma geral. Ah, vai chover amanhã, O sol é isso, nananá, 10 dias de sol na Irlanda. E tal. Mas é sempre uma coisa mais leve, sabe? É nunca, tipo assim, uma denúncia, por exemplo. Ah, sei lá, Emissões de gases estão aumentando. 200%. Não, é nunca... Chega aí. Pode ser que talvez seja uma falha minha em relação ao consumo de conteúdo, em relação a esse tópico, Mas eu nunca... Uma denúncia muito grande, entendeu? Pessoalmente, dizendo. É sempre uma coisa mais leve, obviamente, sempre falando do clima, O que vai acontecer durante a semana? E tudo mais, mas nada como uma denúncia. Ou, por exemplo, trazer o relatório, esse relatório que eu trouxe para você aqui também, da Proteção Ambiental, da Agência de Proteção Ambiental da Irlanda. Ou trazer alguma coisa relacionada a esse relatório. Nunca escutei algo nesse sentido, pessoalmente, dizendo.

Analice: Entendi. E como você acredita que o jornalismo pode contribuir para aumentar a conscientização sobre os desafios climáticos enfrentados aí e em todo o mundo?

Bruna: Bom, Eu acredito muito no jornalismo. Vou ser muito sincera, não é à toa que eu sou jornalista. Apesar dos altos e baixos. Mas eu acredito que... Eu acredito muito na questão da denúncia, sabe? Eu gosto muito, por exemplo, quando as pessoas aqui na Europa trazem assuntos como esses relacionados às ações climáticas do Brasil. Eu gosto desse olhar internacional que as pessoas têm também para a coisa mais importante que a gente tem, que é a nossa floresta. Então, assim, Eu acho que o jornalismo pode seguir bastante esse caminho, sabe? Desse olhar crítico, dessa denúncia, trazendo também, mencionando também quais são as práticas que os governos estão tomando nesse meio tempo, sabe? Então, eu acredito muito na denúncia mesmo, né? Porque tudo que acontece no clima precisa ser denunciado, né? A gente precisa denunciar, né? O mundo tá acabando, vamos denunciar, sabe? Basicamente, isso. Então, assim, A gente precisa falar, Eu acho que a gente tem que trazer, a gente tem que ser crítico, a gente tem que trazer o olhar crítico, A gente tem que apontar quando as práticas sustentáveis não estão sendo feitas, né, Então a gente sempre tem que, Eu acho que os jornalistas, esse é o

papel, né, esse é o papel do jornalista, é denunciar, é trazer o olhar crítico, é trazer uma reportagem completa do que vem acontecendo, né, e sempre atento, né, dizendo Aqui se existe algum jornalista aqui hoje em dia. Que é focado no meio ambiente, que essa pessoa, então, possa trazer esse olhar crítico ao meio ambiente, com muita força, mesmo. Que eu acho que esse é o nosso papel. No fim do dia. **Analice:** Exato, exatamente. E, assim, A gente já falou um pouco sobre esse assunto, mas aprofundando um pouco mais, sobre as notícias que vêm do Brasil para a Irlanda, Você vê muitas notícias sobre questões climáticas e ambientais aqui, daqui do Brasil?

Bruna: Zero. Zero, sim. Você diz, por exemplo, a mídia irlandesa, trazendo notícias sobre o Brasil com frequência. Isso, exatamente. A última vez que eu vi foi essa que eu te falei, que eu achei. Super interessante, que é da doação pro Fundo da Amazônia, né? Em março de 2025, foi a única que eu vi, assim. E esse movimento que aconteceu quando aconteceu as enchentes no Rio Grande do Sul. Esses foram os dois principais momentos que... Eu vi, assim, a mídia, as pessoas ao meu redor também, né, que cresceram, nasceram na Irlanda, falando sobre isso. Então, esses foram os dois momentos, assim, que eu mais escutei.

Analice: Sim, e são sempre, assim, jornalistas da Irlanda que falam. Nunca chega gente do Brasil aí pra falar sobre essa questão, por exemplo.

Bruna: Olha, é... bom... A última notícia que eu vi sobre a doação do Fundo da Amazônia foi através de jornalistas, na rádio, inclusive, e na CNN, Se não me engano, Mas em relação a brasileira... Eu não tenho muito contato para falar sobre isso, para ser sincera, para saber. Mas, em relação às enchentes do Rio Grande do Sul, sim. Muitos brasileiros fizeram esse movimento de buscar doações, falar sobre a situação, trazer à tona, pedir ajuda para os amigos irlandeses, etc.

Analice: Sim. E, assim, Como a imprensa irlandesa aborda as questões climáticas e ambientais do Brasil, Você acha que é mais de uma forma positiva ou negativa? **Bruna:** Olha, eu não sei te falar exatamente se é positivo ou se é negativo, mas, assim, Mais uma vez, trazendo a questão das enchentes do Rio Grande do Sul, As notícias que eu cheguei a ver é sempre... Trazendo o que aconteceu, mas também com um pontinho de tipo, vejamos, isso aqui é um problema climático, Não é normal acontecer. Então, há, de certa forma, uma denúncia. E aí também, quando a gente olha para a doação do Fundo da Amazônia, por exemplo, em março de 2025, Isso diz muita coisa. Por que está doando? Por que a gente quer ter esse compromisso com a preservação da floresta tropical? Porque a preservação não está sendo bem feita. Eu acho que é mais por esse lado. Eles trazem também um pontinho de atenção.

Analice: Sim, uma reflexão, né?

Bruna: Sim, exato.

Analice: Então foi isso, Bruna. Muito obrigada pela sua participação.

Bruna: Eu, que agradeço. Eu espero ter ajudado. É um pouco difícil, é bem específico esse assunto. E trouxe um pouquinho do que eu pesquisei, um pouquinho do que eu convivo aqui, um pouquinho da minha opinião pessoal, também. Uma coisa do coração também. E daquilo que eu acompanho ao longo dessa minha jornada. Eu agradeço muito. Espero ter ajudado o seu projeto. E espero que você voe e brilhe muito também.

Analice: Muito obrigada. Espero que vocês também tenham gostado do episódio de hoje. Muito obrigada. E até a próxima.